

fragmentos
*extra*ordinários
da
cidade

camila andrade

resumo
[ou orelha]

Como a escrita pode ser uma ferramenta para pensar arquitetura? *Fragmentos extraordinários da cidade* é um trabalho que ensaia uma escrita motivada por incursões diversas de afetação cotidiana: o morar, o transitar pela cidade, as barreiras e diluições entre casa e rua, os deslocamentos feitos ao longo da vida e suas perspectivas multigeracionais. Ainda que sem a pretensão de esgotá-los, esses são alguns temas perpassados. Num cruzamento de experiências próprias com vivências de familiares e amigos, os conteúdos gerados passam por relações de sentido afetivo. Em sua dimensão experimental, a assunção do processo como parte constitutiva e fundamental acompanha os textos.

fragmentos da cidade

cidade de fragmentos

cidade fragmentária

fragmentos extraordinários da cidade

cidade manada

arquitetura de fragmentos

fabulação da cidade

fragmentos vividos da cidade

cidade manada

fragmentos manados da cidade

cidade manada sob fragmentos

camila andrade

fragmentos ~~extra~~ordinários da cidade

FRAGMENTOS ~~EXTRA~~ORDINÁRIOS DA CIDADE

fragmentos extraordinários da cidade

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

A553f Andrade, Camila Barbosa.
Fragmentos extraordinários da cidade / Camila
Barbosa Andrade. - João Pessoa, 2023.
118 f. : il.

Orientação: Carolina Silva Oukawa.
TCC (Graduação) - UFPB/CT.

1. Ensaio. 2. Cotidiano. 3. Cidade. 4. Processos de
escrita. I. Oukawa, Carolina Silva. II. Título.

UFPB/CT/BSCT CDU 72:711(043.2)

Elaborado por ONEIDA DIAS DE PONTES - CRB-198

Trabalho de Conclusão de Curso

Camila Barbosa Andrade

com orientação de
Carolina Silva Oukawa

João Pessoa
Junho de 2023

*Eu creio no poder
das palavras, na força das
palavras, creio que fazemos
coisas com as palavras e,
também,*

*que as palavras
fazem coisas conosco.*

Jorge Larrosa

abrir mão do controle
entrar numa conexão com os
textos

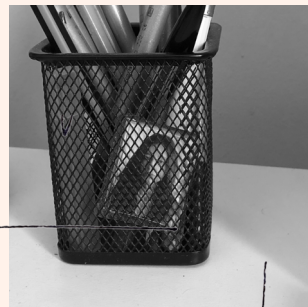
experimentar os sentimentos

#FLUÊNCIA



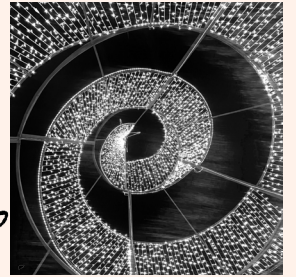
buscar mobilidade

vai aparecer o que temos
que ser



desligar o racional

tudo é uma substância
tudo pode ser escrito
~~esta~~ pode não ter categoria, mas
expressão do que é a coisa



EM TRANSE — ESCRITA VIVA
parte — além da vida
VIVIFICAR O PROCESSO

prólogo

Como começar o trabalho? Estou tendo ideias que não sei se consigo executar, de fazer o começo do trabalho já ser a coisa em si. Queria tentar chegar com alguma educação mas sem ter de me explicar muito, porque penso que se eu disser demais pode perder um pouco a graça. *E é para ter graça?*, escuto alguém perguntar. Com certeza não precisa ter, mas eu adoraria que tivesse.

Não queria cansar ninguém antes mesmo de começar, como em alguns encontros de palestras que já fui. De todo modo eu também nem saberia me demorar explicando demais, seria uma outra dimensão de trabalho. Mas é só um início, eu que devo estar aumentando o problema de tamanho. É justamente introduzir, esboçar, chegar não abruptamente. Quase como dar uma satisfação, e não digo isso de forma negativa. Pelo contrário, eu vejo a satisfação como uma forma muito boa de se livrar de pensar muito tempo nessas explicações que se demoradas, mais atrapalham do que ajudam. Ao dá-las, vaga espaço para pensar outras coisas.

A satisfação que eu gostaria de dar, antes de começar, então, embora já começando, é certamente em relação às perguntas que, quando em TCC, ouvimos muitas vezes e, pelo menos na minha experiência, a cada vez que foram feitas receberam respostas talvez não muito claras, que depois foram sendo atualizadas. *É o quê?*, ou ainda, *é sobre o quê?*

Finalmente sinto poder respondê-las com mais segurança. O que é: é uma experiência de escrita em — ou com, ou sobre — arquitetura. Acredito mais que a palavra seja *em*. É sobre o quê: sobre vivências minhas e de amigos, familiares, pessoas próximas, com a cidade, ou com as cidades, porque passamos por algumas. Também alguns estados. O que baliza essas experiências?, ou o que as conduz? Eu diria que são as afetações sentidas nessas relações concretas e cotidianas, ordinárias, e que às vezes, pra gente, de algum modo podem se tornar extraordinárias.

Pronto.

Mais do que isso e deixará de ser uma satisfação. Peço a quem lê que confie em mim quando digo que essas informações são mais do que suficientes para iniciar.

Alguns amigos já me falaram que fiz mistério demais com esse trabalho. Não estava pronto, e por várias vezes achei que seria muita complicação mostrar textos em processo. Pela ideia de dizer e muito provavelmente depois precisar desdizer. Bom, eu só reduzi as vezes. Quem escreve, o faz de um tempo e de um lugar, então não há garantias. Mas penso que isso só é um motivo razoável para adiar a mostra, não para deixar de dizer, porque alguma coisa é preciso ser dita, e agora eu já disse. Poder mostrar o trabalho, em vez de tentar transmiti-lo em descrições, é um alívio. Agora tá posto.

posso andar
aqui?

14

idades

20

se perdendo
(em casa)

24

a mala

30

a invenção do
cotidiano (só que
no tiktok)

36

visita

44

necessidades
urbanas,
mobiliários
encantados

48

trajeto nosso de
cada dia (ou a
hora do ufa)

52

carta aberta a um
ciclista à deriva

60

meu querido
não lugar

68

de quem
foi embora
primeiro

74

de quem
foi embora
e voltou

80

de quem
apenas
chegou

84

natal e outras
adversidades

90

talvez eu
quisesse brincar

98

alguns
créditos

108

posso
andar
aqui?

Uma pergunta simples (tão simples que soa ingênua, e de fato é): em que ritmo acontece a cidade? Depende. Da cidade. Do bairro. Das ruas. Dos usos que formam a parte construída das ruas. E daqueles usos ambulantes, em movimento, que ora estão e ora não. Também da quantidade de pessoas que são atraídas por esses usos. Da hierarquia viária da rua em questão. E de sua largura, que diz da capacidade de automóveis que comporta. E se, existindo uma pavimentação, de seu tipo. Por último, em ordem e não em importância, há a variável do horário do dia.

Tem percursos que são tão hostis a ponto de a sensação criada ao fazê-los ser a de se questionar se aquilo é mesmo um caminho. Um deles é o trajeto que faço muitas vezes a pé, da universidade à minha casa. Pode ser um padrão meu esse de colocar em dúvida a legitimidade do uso de espaços quando eles fazem pouco sentido na minha experiência. Será que aqui é mesmo caminhável e eu deveria andar por aqui? O que costuma responder a essa pergunta é a presença de outras pessoas fazendo o mesmo percurso. Mesmo assim, às vezes tal resposta não é suficiente, e a acato com indigestão. Continuo andando e continuo a achar estranho, mas é só esse o caminho possível; deve ser ele mesmo. E tem mais gente o fazendo além de mim.

Paro, olho as opções e penso um pouco. Uma outra opção seria pegar o ônibus. Mas para a direção que vou, rumo aos Bancários, preciso atravessar uma via de quatro faixas para chegar até a parada. Fui ver no Google Maps

para ter certeza se são quatro mesmo; minha impressão de pedestre exagerou, na verdade são três faixas. E agora sei que essas vias largas se chamam vias expressas. E que, na verdade, são três faixas em uma via. Só que a parada de ônibus está não a uma, mas a duas vias expressas de mim. Isso significa seis faixas de carro de distância. Alguma eternidade para o farol de pedestres abrir, e alguns dez, no máximo quinze segundos para fechar e eu precisar já ter atravessado. Parece mais difícil que encarar a calçada.

Prescindir de pegar o ônibus para voltar para casa só me é uma opção porque moro a mais ou menos um quilômetro e meio da universidade. Por isso a resistência em usar o ônibus: é um destino que considero muito próximo para ser razoável precisar de algum transporte, mas dependendo da intensidade do sol, qualquer distância é muita. Enquanto tento decidir e caminho em direção ao pórtico de entrada da universidade (que agora é para mim de saída), teimo por um tempo. Mas é a hostilidade da calçada tão estreita quanto eterna que me faz reconsiderar.

Olho para ela, à minha frente, inexplicavelmente longa, infinda. De lado vejo e sinto os carros — que são muitos, há três filas deles — passarem a mais ou menos 50km/h. Transporte ativo, transporte passivo; agora me vêm à mente esses conceitos. Acho engraçado. São feitos considerando o ser humano como parâmetro; quanta gentileza. Se há o uso de energia humana para o deslocamento, é ativo. Se não há, é passivo. Nesse choque abissal de velocidade, potência, importância, quantidade, preocupação e priorização, não consigo me pensar aqui, enquanto pedestre, fazendo um deslocamento dito como ativo, pois apenas me é possível operar a função mais passiva possível.

De vez em quando, é possível encontrar ciclistas se espremendo aqui e ali, compartilhando o fino espaço da calçada. Neles vejo o Rodolfo e também o senhor que,

incomodado com sua presença de bicicleta na calçada, perguntou-lhe se não dava para ir pela rua. Eu não cogitava o pensamento por parte dos pedestres de que os ciclistas, na falta de uma via própria, deveriam usar a estrada em vez da calçada. Sei que fico aliviada quando os vejo indo pela calçada, um pouco menos expostos à morte.

Não encontro nada que expresse melhor essa relação paradoxal das definições do que a situação de um atropelamento, muito bem descrita por ele, que meio ironicamente foi atropelado por um transporte passivo, enquanto fazia uso do seu, ativo:

Em uma rotatória, um carro preto com o vidro fumê surge na minha lateral, de surpresa, e ao entrar na rua bate no guidão da bicicleta me derrubando no asfalto. Em questão de segundos vou ao chão. Primeiro de joelhos, em seguida com o braço esquerdo e depois com o corpo inteiro. O carro não parou. Seguiu o seu trajeto. Tive a sorte de não ter nenhum carro vindo atrás, pois corri sérios riscos de ser novamente atropelado no momento em que já estava no asfalto. Subi na bike rapidamente e pedalei até encontrar algum lugar para sentar e me recuperar do susto. Me vi até um pouco envergonhado, quase que culpado, de estar ali caído. Não muito longe encontrei uma praça. Retomei o fôlego. Sentado, consegui ver a dimensão do problema: joelhos e braços sangravam.¹

Por sorte, nada muito grave lhe ocorreu. Ainda estou pensando se convém mesmo pegar a calçada ou o ônibus. É uma decisão difícil porque, por outro lado, chegar à parada de ônibus me traz igualmente a sensação de um nado contra a corrente, a impressão forte de estar no lugar errado fazendo a coisa errada, e absurda, e perigosa, e sem sentido de ser — mas talvez necessária, afinal, preciso chegar em casa.

Não penso que a conjuntura necessite de mais agravantes para comunicar a impotência e passividade de que

falo, mas se eles existem prefiro contá-los. Mencionei as duas vias expressas, que somam seis faixas de veículos. Após elas está a parada de ônibus, como um canteiro. Depois da parada, há um desnível de mais ou menos três metros. Nas “costas” da parada, há apenas um curto corrimão — frizo ser um corrimão, não um guarda-corpo — separando esse lado e o outro, onde está a Rodovia Transamazônica, a BR-230.

Beira o bizarro imaginar a facilidade que seria cair do outro lado. Algumas vezes eu e alguns amigos rimos dessa possibilidade. Imagina, um escorregãozinho, um empurrãozinho, um deslize e se morre aqui. Que desgraça morrer assim, porque caiu de um lugar tão óbvio de cair. Mas talvez não, com sorte se cai no acostamento. Ríamos da estranheza, da esquisitice que é uma situação tão espacialmente violenta estar ali, presente, em frente à universidade, integrada aos dias de centenas de estudantes todos os dias. Mas está. E é um espaço de absoluta normalidade: construído, utilizado, precisado, comum, banal. Nada original.

NOTAS

1 SANTANA, José Rodolfo da Silva. **Um ciclista à deriva:** experiências erráticas e narrativas sensíveis em João Pessoa. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba, 2020.

idades

28/08/2022

Eu já abri inúmeros documentos no Google Drive. Esse é mais um. "Documento sem título". Sempre que sinto que preciso escrever algo que sai da linha do que já escrevi em um, crio outro. Criei um para os relatos, chamei de "fragmentos da cidade". Um para frases soltas que me marcaram e me ensinaram algo, foi "palavras importantes". Um em que escrevi coisas que não me deixassem perder de vista o que era importante nessa pesquisa, que no fluxo do ir e vir do começo de trabalho e das tomadas de decisões tenho medo de ir esquecendo ou deixando ir com o vento, "ideia a perseguir". [...]

Não são todos os espaços da cidade que convidam várias idades a fruir do espaço juntas. Há algo de especial e democrático naqueles em que várias gerações se sentem estimuladas a conhecer e frequentar. O que atrai diferentes idades para um mesmo lugar? O que dilui categorizações em espaço de criança, espaço de jovem, espaço de adulto, espaço de velho?

Crianças não andam só, são acompanhadas por algum adulto. Se crianças não são bem vindas em algum lugar, isso significa dizer de uma privação ao espaço que pode se estender também a quem ocupa esse papel de cuidador.

Um espaço, por exemplo, que seja lido como "só de criança", exclui quem delas cuida; não na forma de interdição de seu acesso, mas no sentido de que apenas crianças e pais terão motivos para frequentar esse lugar e, assim, muito provavelmente, amigos desses pais não se sentirão tão entusiasmados a irem, isolando-os do que pode ter sido seu grupo de amizade. Por outro lado, um espaço que não aceita ou que repele crianças, pode por vezes minar a possibilidade de seus pais o frequentarem, e isso, de forma clara, atinge mais fortemente as mães.

Nesse sentido, os parques e as praças parecem ser os espaços públicos que mais se aproximam de lugares com um potencial atrativo multigeracional. Os espaços culturais, esses arquitetônicos, também podem representar atrações nesse sentido. Mas o lugar que suscitou esse pensamento não foi nenhum deles; foi na verdade um bar, um espaço

físico lido como semi-público, embora suas mesas e cadeiras ocupassem o espaço público, a rua, que parecia satisfatoriamente interditada para carros em razão desse uso. Causava a impressão de que o bar fosse antes um amparo a quem ocupa a rua do que o contrário — a rua como um amparo ao bar — ainda que as mesas e cadeiras fossem aquelas típicas de bar: de plástico, vermelhas.

Me chamou atenção porque era interessante um espaço em que os grupos todos parecessem tão confortáveis e identificados com o lugar, e que não fosse um parque ou uma praça. Não raro, espaços que abrigam diversas idades deixam alguns mais satisfeitos, enquanto outros usufruem mais entediados. Não era esse o caso. Ali, de forma geral, o coletivo parecia bem arranjado, interessado. Era um bar, mas como estava, ainda era um espaço público.

[...] Eu queria tomar decisões para que, tendo-as estabelecidas enquanto plano-guia que me gera alguma segurança criativa, eu pudesse experimentar não me prender a elas; me libertar justamente através de seu suporte. Pois sem um plano bem definido, me sinto meio que “condenada à liberdade” (acho que Clarice disse isso uma vez). Ainda tem um em que aglomerei desabaços sobre o processo, “escrever e a escrita”. Não vou mencionar os de sínteses teóricas, os de ensaios soltos, outros em que misturo tópicos, prosa, textos que não são meus.

se perdendo (em casa)

Através delas, de um só ponto de vista, simultaneamente é possível ter muitas amostras de formas de vida. Há bastante variedade. Algumas são quase que completamente ocupadas por plantas: vasos no piso e pendurados no teto, trepadeiras que cobrem as paredes. Há as que são protegidas por telas, geralmente quando há crianças ou gatos por lá. Há também as sem tela, ainda que com gatos. Outras, destoando do todo, são fechadas por vidros, os chamados sistemas de cortina europeu. Provavelmente são essas que deixaram de ser o que eram para que a sala pudesse ter mais espaço e, tornando-se sala, deixou de fazer sentido o aspecto “molhado” geralmente contemplado por elas.

É precisamente o aspecto da pretensa conformidade arquitetônica que há entre as varandas e, apesar desse fato, a alteridade que naturalmente e de forma frequente consegue ir se estabelecendo no edifício à medida que as unidades de moradia vão sendo ocupadas, desocupadas e reocupadas — processo esse que só pode ser acompanhado de fora — o que as tornam interessantes enquanto amostras de existências diversas entre si.

Durante os momentos mais críticos da pandemia, quando sair na rua não era uma possibilidade sanitária, das varandas muita gente encontrou algum escape possível: para tomar sol, para fazer barulho, para gritar, para ver e para ser visto. Das varandas, as pessoas se expressaram politicamente. As projeções nas empenas ilustravam no concreto dos prédios as indignações, as dores, o luto por que se passava; uniam os olhares e os gritos.

De onde moro, vejo varandas que são tão pouco utilizadas a ponto de gerarem a dúvida se são mesmo varandas ou áreas técnicas de ar condicionado. A pouca utilização não é o único motivo do questionamento, que é alimentado também pelo fato de serem muito pouco convidativas, fazendo pensar que poderia ser tanto uma coisa como outra, não fossem alguns acontecimentos que respondem à dúvida. São varandas, porque quando ocorrem acidentes no cruzamento que tem ao final da rua — onde a preferência de uma das vias sobre a outra é algo em que às vezes costumam depositar confiança demais, sem reduzir a velocidade para verificar se está livre a passagem — as pessoas brotam nelas, ocupando-as, e é nesse contexto aflito que podemos sabê-las enquanto varandas.

Agora lembro que há duas senhoras que vejo frequentemente no prédio à frente. O prédio tem planta em forma de U, sendo as pontas do U as duas torres, e a parte côncava do U o corredor de circulação. Das vezes em que as vi, geralmente aos finais de tarde, elas não estavam em suas varandas — que não são varandas, e sim janelões na sala — mas em um desses corredores, escoradas no guarda-corpo. Passam alguns minutos, observando a rua e conversando. O corredor, que fica paralelo à rua, para elas acaba funcionando como uma longa varanda, de encontro porque é de uso comum. Nem sempre vejo as duas por lá, às vezes é só uma. Fico pensando no uso que fariam caso seus janelões fossem varandas.

Meus pais, quando vêm pra cá, costumam passar muito tempo na varanda e também eles acham curioso não ver outras pessoas ocupando esse mesmo espaço de seus apartamentos. Por morarem no interior, numa casa, e num lugar em que quase a totalidade das moradias são casas, não prédios, eles encontram alguma dificuldade em assimilar um tipo de morar que, sendo em apartamento — o que pra eles já

é algo que em si constitui alguma restrição — não abarca a varanda como ambiente essencial, fundamental, de uso diário. Houve uma noite em que um caminhão mais alto do que os fios dos postes acabou se enroscando nos fios e derrubando um poste. Um barulho, algumas faíscas, e logo se amontoaram muitas pessoas nas varandas e na rua. Conheci, então, de longe, alguns moradores desses apartamentos, que quase nunca vejo.

À essa altura, penso que esse texto pode estar se tornando algo como um elogio à varanda, mas de início nem era dela que eu pretendia falar. Marguerite Duras, em seu livro *Escrever* (1994), pensando sobre a solidão do fazer que dá nome ao livro, disse:

É numa casa que a gente se sente só. Não do lado de fora, mas dentro. Em um parque, há pássaros, gatos. [...] Em um parque a gente não está sozinha. Mas dentro da casa a gente fica tão só que às vezes se perde.¹

As varandas funcionam para mim como referências. Não no sentido de “exemplos”, mas de pequenos nortes de horário, de rotinas acontecendo, aquilo que impede que eu me perca em casa. Encontro lampejos de vidas acontecendo dentro de cápsulas abertas. São uma aliviante notícia de que há um outro, de que há formas tantas de se morar, e de que cotidianos outros estão sempre em curso — percepção cuja obviedade é tornada turva se ficamos muito tempo em casa. Podem significar a possibilidade de um ponto âncora fora, ao qual podemos nos ater para que, estando em casa, não nos percamos no dentro, ainda que seja pela via da observação.

Logo penso que, se é uma relação observatória, daria para fazer isso a partir de janelas. Mas não se entra numa janela. Ou pelo menos não é indicado fazer isso. Mais do que fazem as janelas, as varandas nos aproximam de algum modo de fisicalidade ou exposição maior às dinâmicas

vivas e externas à casa, e possibilitam uma observação um pouquinho mais corpórea, nos limites do morar, fazendo do apartamento ou da casa um lugar menos enclausurado em si. Mas com isso não tenho a pretensão de tentar esticar o sentido da varanda, forçar que seja mais do que pode ser. Para mim, ela já é suficiente sendo o que é.

NOTAS

1 DURAS, Marguerite. **Escrever**. Trad. Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

[...] Sobre os pedaços residuais que escrevo, não consigo mantê-los juntos. A desorganização me incomoda, vou criando novos arquivos e dando nomes diversos a eles, quase acreditando que se eu tiver categorias o suficiente, em algum momento vou retornar a elas para alimentá-las, em vez de apenas assisti-las sendo relegadas ao abandono enquanto sigo abrindo novos documentos e novas categorias que serão usadas só até o próximo texto.

a mala

[sem data]

O ato de gravar dificulta pelo sentido de poder saber com exatidão o que foi dito. Traz vontade de querer dizer igualzinho, de tentar acertar. Sem gravar, e com anotações, tenho mais controle do que me tocou ou do que pareceu forte durante a conversa.

Foi a São Paulo duas vezes. Na primeira ainda era criança, e suas memórias dessa viagem se restringem ao deslocamento de táxi. Ademais, foi uma viagem tranquila, organizada e conduzida pelos seus pais.

Era táxi, táxi, táxi, táxi, táxi. (...) Eu era pequeno, não tava nem aí pra nada.

Deve ter querido dizer que em sua mente não tinham preocupações. Daquelas típicas de viagens: com os destinos pensados ou mesmo com a preparação de um roteiro, com as formas de deslocamentos, com a hospedagem. Especialmente, não foi uma inquietação para ele a natureza do desconhecido com que nos deparamos em viagens a lugares que nunca fomos, ou que fomos ainda poucas vezes.

Dessa vez, já adulto, a tônica era outra. Planejou por vários meses a viagem, instigada principalmente por um festival que aconteceria por lá, mas não só. Pensou suas intenções de roteiro e listou mais de quinze lugares a serem conhecidos. Não sabia muito o que esperar, a referência da viagem que havia feito quando criança já estava muito distante. A expectativa do que viria estava mais atravessada pelo que fora visto por fotos e pelos seus passeios no Google Maps do que pela própria memória de quando havia ido lá. Comprou daquelas passagens em que não se escolhe o dia exato, mas um intervalo de dois dias, e aí a viagem pode acontecer em qualquer um desses dois, a ser definido pela companhia aérea e comunicado na semana que antecede a data.

Um desses dois dias finalmente chegou. Viajou. Foi sozinho e, chegando lá, quis ir de metrô. Como aprendeu nos vídeos que assistiu antes de ir, já sabia que a estação de metrô abria às 05hrs e fechava às 00hrs, e que havia um ônibus circular, chamado translado, que o levaria até lá. Assim fez. Repetiu o percurso que assistiu as pessoas fazerem por vídeos: pegou o translado que passava de dez em dez minutos e desceu na estação. Seguiu direitinho. Foi fácil.

Entrou no metrô e não estava lotado. Das pessoas que havia, os trajetos pareciam ser em sua maioria de trabalho, ou no mínimo cotidianos. Uma mulher que aparentava estar muito cansada, possivelmente voltando do trabalho, lhe marcou. Ele, que estava de mala, e logo percebeu que dentro do seu raio de visão estava sozinho de mala, se percebeu como um outro. Um outro que se revelava estrangeiro ao carregar um objeto genérico que, paradoxalmente, fazia dele alguém distinguível. Sentiu-se vulnerável. Percebeu que poderia ser lido como “de fora”. O desconforto ganhou força.

A primeira definição do dicionário para a palavra estrangeiro é: *que é de outro país ou que é proveniente, característico de outra nação*.¹ Essa definição não é a que eu procurava, mas logo retornarei a ela. O sentido de que falamos aqui é na verdade o da segunda definição, figurada: *que não pertence ou que se considera como não pertencente a uma região, classe ou meio; forasteiro, ádvena, estranho*.²

Num país de dimensões continentais como é o nosso, a simples transição entre estados pode ser suficiente para suscitar essa sensação. Não requer vir de outra nação. O idioma é o mesmo, mas a pluralidade cultural dá sentido aos mais diversos neologismos, que compõem parte fundamental de nossos vocábulos. O clima, também variável, é um fator determinante na construção que fazemos das nossas rotinas e cotidianos, a partir dos lares possíveis ou mesmo de um histórico cultural.

Fiquei com medo de parecer que eu não era de lá, e eu não sou de lá, mas não queria parecer.

Um aspecto de desassossego que não é particular de viagens é o com o olhar do outro. Sem muita consciência do quê, seu olhar apreensivo buscava algo. Levou algum tempo sondando o metrô. E quando encontrou, logo soube. Era ela o mínimo de identificação que precisava. Foi ela que respondeu imediatamente à sua urgência de sentir algum acolhimento.

A mala. Justamente ela, que começou tudo isso, ou que deu vazão ao que já estava ali. Mas agora era diferente: tratava-se de uma mala sendo segurada pelas mãos de outra pessoa. Ufa. Pôde se permitir relaxar um pouco, afinal, não estava mais sozinho. Alguém, visivelmente, também não era dali — (talvez até fosse, quem sabe estivesse retornando de alguma viagem, ou poderia estar carregando material de trabalho; já vi fotógrafo trabalhar carregando uma mala!). Mas de uma certa distância e com alguma dose de desespero, a gente se apegava na versão que melhor nos convém. Entendendo dos fluxos e das lógicas da estação não muito mais do que havia estritamente pesquisado, pensou que faria sentido seguir o rapaz que carregava a mala, assumindo o risco, mas no fundo confiando na ventura de que seus percursos fossem parecidos.

A sorte foi o moço de mala... que não veio comigo, mas eu tava ali, pertinho dele.

Seguiu-o e pegou a mesma escada que ele. Parou, esperou a escada rolante conduzi-los — ele e o seu espelho de mala, juntos. Mas não estava informado de que, como nas estradas duplicadas em que os carros com mais velocidade pegam a esquerda, existiam também duas vias em curso no

metrô (só que essas eram virtuais): uma mais rápida e utilizada por quem tem pressa, e outra lenta, que pode ser usada inclusive estando parado, aguardando a escada automática fazer seu trabalho.

Apesar da afobação que sentia por desconhecer tantas das dimensões em funcionamento ali, ele não estava de fato apressado. Principalmente porque naquele momento já havia encontrado um rumo a seguir, o mesmo que o moço de mala faria. Por isso acabou parando, por desconhecimento, do lado esquerdo.

— *TÁ DO LADO ERRADO!*

Gritaram. Então soube. Corrigiu seu lado, foi para a direita. Não diminuiu seu desconcerto, que crescia na medida em que sentia-se cada vez mais forasteiro, dentro de si e aos olhos dos outros. Reativou seu estado de alerta que havia dado uma trégua por um período tão breve. Saiu da escada. Se reorientou. Tudo certo. É só continuar o percurso. A mala. O moço da mala. Cadê ele? Pra onde foi? No nervosismo, perdeu de vista a figura do seu semelhante. Começou a andar de forma aleatória, ou num rumo aleatório, como fazemos quando não sabemos o que fazer. Logo se viu andando na direção contrária à que as pessoas estavam seguindo. Insistia. Então foi abordado por alguém que pedia uma ajuda, mas ele não tinha consigo dinheiro físico e explicava isso numa confusão de barulhos, ritmos, vozes, argumentos, e nisso ia se distanciando cada vez mais daquele outro que estava até então funcionando como seu guia, ainda que sem seu conhecimento. À certa altura nem sabia mais o que dizer, para onde ir ou quem seguir.

— *SE NÃO QUER AJUDAR É SÓ DIZER!*

Disse o moço. No grito, de novo. Se deu por vencido, quis só entrar num uber e ir embora.

19/03/2023

Há o processo de escuta dos relatos. De escutar ao final a pergunta da pessoa com quem se conversou se há material para o trabalho. Costumo dizer que sim, acreditando mesmo nisso, ainda que haja sempre dúvidas de como irei trabalhá-los. Com o passar do tempo, em geral um dia ou dois, às vezes mais, o que escutei começa a tomar uma forma mais conhecida na minha mente, deixando de ser um conjunto difuso, ganhando mais contornos e distinções, tornando visíveis percepções não tidas no ato da conversa. Esse processo, que primeiro acontece a partir da passagem do tempo, opera como um assentamento de informações, que somente através da escrita é realmente desvelado; quando, ao reler as anotações ou escutar as gravações, alguns momentos e assuntos levantados se sobressaem, é sobre eles que se começa a escrever. Com sorte, a escrita flui e é na sua fluidez que a seleção, o desenvolvimento e o aprofundamento dos aspectos levantados são realizados. A construção dos textos tende a acontecer aos poucos, atravessada pelo desconhecimento costumeiro que há. Só depois de escrito é que vejo uma forma mais compreensível. Só depois de feito conheço os caminhos.

NOTAS

1 ESTRANGEIRO. In: **Oxford Languages**. Disponível em: <<https://acesse.one/estrangeiro>>. Acesso em: 07/03/2023.

2 *Idem*.

ANTIDISCIPLINA

MANEIRAS DE FAZER

a invenção do cotidiano

IMPROVISACÃO

OPERAÇÕES
FRAGMENTÁRIAS

SEVIOLOGIA

ORDINÁRIO

INVENTIVIDADES

APROPRIAÇÃO

BRICOLAGEM

expensas extraídas de Certam,
outros lembrados por mim

RESISTÊNCIA

METAMORFOSES DA LBI

ARTESANIAS

(só que no
tiktok)

CONTRA CULTURA

MARGINAL,
DE MARGEM

ARTESANIAS

Se me convidam a falar de cotidiano, adianto que as primeiras imagens e palavras que me vêm à mente não têm muito a ver com as cotidianidades que busquei trabalhar na maioria dos textos. Não são mais, então, os trajetos diários, os deslocamentos, nada muito ligado às ações de morar, trabalhar, caminhar, os aspectos que de antemão me encontram nessa reflexão. O que eu passei a pensar, depois das sugestões da banca, ficou meio esquisito, também. Uma ideia meio inorgânica passou a ocupar esse espaço e ela se deve ao fato de que já há algum tempo penso nisso, e ao outro fato óbvio de que seja impossível voltar atrás do início desse trabalho e pensar como lá, quando as palavras corpo, espaço e cotidiano ainda o intitulavam.

Recorri à mente não imersa nisso de uma amiga: perguntei o que ela pensava depois de eu dizer a palavra cotidiano. Sucinta, respondeu: cotidiano é repetição (?). Acrescentou uma interrogação entre parênteses no final, porque prefere não ser tão categórica. Uma repetição não fixa, capaz de se repetir abrigando o imprevisível. Engraçado. Porque eu penso em Tiktok. A mim, tem chegado antes o pensamento sobre telas, informação e as relações que empreendemos com elas.

Certamente estou fazendo uma ideia relacional de cotidiano; refletida em relação a um outro cotidiano de um outro momento. Não significa dizer, obviamente, que atividades diárias, comuns e banais estejam ausentes “agora”, mas que uma das novidades que se introduzem nesse tempo

talvez esteja fortemente ligada à maneira como nos relacionamos com as imagens — ditas como *[o]s dispositivos mais importantes da contemporaneidade, espaço de reivindicação do direito de projeção do sujeito na tela*.¹

Não menti sobre o convite mencionado no início do texto, mas distorci um pouco, porque na verdade eu que me coloquei nisso. Fica mais honesto dizer que o convite foi para que eu situasse o pensamento sobre o cotidiano. É que eu havia utilizado das reflexões de Michel de Certeau sobre as “maneiras de fazer” para pensar cotidianidades; que por sua vez partiu da análise de Foucault sobre os instrumentos de controle pelos quais o espaço foi reorganizado com o objetivo de instituir em sua própria forma um sistema de vigilância permanente. Certeau quis, no entanto, enveredar sua investigação não precisamente pela estrutura de controle, mas por um caminho de reflexão que alcançasse *os mecanismos populares, pequenos e presentes no cotidiano que jogavam com ela, não se conformando a ela a não ser para alterá-la*.² Em suas palavras, perguntava-se, *que “maneiras de fazer” formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou ‘dominados’?), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política?*³

Essa ideia de dialogar com autores que pensaram num outro lugar ou num outro tempo, e nesse caso, nos dois, requer de fato ponderações e cuidado, mas pode ser um exercício interessante pensar em interlocuções possíveis: refletir sobre quais elementos da obra ainda ajudam a pensar e quais não mais, o que dela convém utilizar e o que pode ser atualizado. Talvez tenha sido um pouco por essa linha de raciocínio que o jornalista João Peres se perguntou: *O que o Milton Santos diria do iFood?*⁴

No aniversário de vinte anos sem o geógrafo, imaginar o diálogo entre ele e o então diretor financeiro de uma das grandes empresas propulsoras do processo de uberização

— nome dado a essa lógica de precarização do trabalho em que não há vínculo empregatício nem qualquer regulamentação de direitos trabalhistas, além de jornadas exaustivas — pareceu dar sentido a uma investigação instigante, que tensiona a conjuntura sócio-espacial, econômica e política do Brasil de hoje e a atualidade das ideias do autor, ainda que pensadas décadas atrás, bem antes dos *smartphones*, do *Whatsapp*, do *Uber* e do próprio *iFood*.

Assim, aprofundar-se sobre os atravessamentos que perpassam o cotidiano requereria um debruce bem maior do que o que pretendo fazer aqui, em se tratando de uma dimensão da vida tão política quanto complexa, e que está em constante atualização. A impossibilidade de esgotamento do tema não impede, porém, uma tentativa de esboçá-lo. Com essa licença, prossigo.

O cotidiano foi significado por Certeau como sendo o movimento das ações que inevitavelmente contêm em si fragmentos de uma desobediência espontânea a uma ordem dominante, ainda que não de forma “pura” ou precisamente objetiva.⁵ À época em que escreveu, século XX, esse pensamento confrontava uma ideia mais amplamente corroborada de que uma sociedade de consumo estaria profundamente atravessada por uma condição de passividade, a massa, os “dominados”. Ele defendia, portanto, que nessas atividades cotidianas de falar, cozinhar, caminhar, ler, habitar, estariam presentes também aspectos, ainda que minúsculos, potencialmente transgressores; que, ainda que perpassados, não podiam ser completamente cooptados por uma estrutura homogeneizante. Foi por esse viés que o utilizei, e de certa forma ainda insisto.

Cabe, no entanto, delinear uma perspectiva fundamental e distintiva entre o cotidiano de agora e aquele sobre o qual escrevia De Certeau, para além da época e das distâncias geográficas e culturais: o modo pelo qual esse controle opera.

Giselle Beiguelman aponta [o que] nos põe diante do mais desconcertante paradoxo da política das imagens na contemporaneidade:

somos vistos (supervisionados) a partir daquilo que vemos (as imagens que produzimos e os lugares em que estamos). Ou seja: os grandes olhos que nos monitoram veem pelos nossos olhos. É isso que diferencia a vigilância atual do sistema panóptico, que foi sua metáfora mais contundente até a explosão da sociedade de controle em que vivemos hoje.⁶

As possíveis transgressões presentes nos fazeres cotidianos passariam a estar, então, inseridas numa conjuntura de vigilância que se utiliza do nosso olhar: através das imagens que vemos e das informações que produzimos, ou seja, de certa forma das nossas “maneiras de fazer” (fotografar, recortar, editar são em si criações, além do pesquisar, escrever, conversar e outras tantas atividades possíveis digitalmente), alimentamos nosso próprio monitoramento. Se as imagens tornaram-se um espaço de sociabilidade, o Tiktok — rede social cujo sucesso se deve à atraente promessa de ofertar conteúdos da “realidade”, ou mostrando que *fazer algo tão mundano como limpar um tapete ou cortar uma cebola é uma parte emocionante da vida*⁷ — é um exemplo contundente dessa relação controversa, na medida em que há, numa plataforma digital de grande alcance ordenada por algoritmos cujo funcionamento desconhecemos, uma construção estética de tarefas comuns do dia a dia, cotidianas.

Ao serem recortadas, sonorizadas e editadas, atividades por vezes longas e maçantes tornam-se vídeos fascinantes de alguns poucos segundos, indo ao encontro do que Erick Felinto propõe quando utiliza o fantasma como elemento de compreensão para a cultura contemporânea, *em que as imagens da tela possuem uma realidade mais intensa e vivida que a do nosso cotidiano*.⁸

Nessa linha, isso sugere que *talvez cozinhar (ou correr, limpar ou tricotar) seja realmente fácil. Essa é a complexidade da documentação. Sempre que tentamos capturar e empacotar a realidade, nós a modificamos inadvertidamente*.⁹ Ao conferir uma camada distorcidamente estimulante sobre experiências outras, visuais facilmente acessíveis, perde vigor a experiência do que seria o real. Isso, a quantidade de informações a que somos submetidos o tempo todo, junto à velocidade com que se tornam obsoletas, certamente vai nos colocando num estado de cansaço, de esgotamento e até de cinismo ante as coisas que acessamos viver.

É nessa via de sentido que a experiência estaria submetida a uma posição de delicada fragilidade, se pensarmos que somos constantemente roubados do momento e do lugar que ocupamos para ficar sabendo de algo sempre muito importante que acontece noutro espaço-tempo, ou mesmo pela necessidade assimilada de registro do momento; ainda, pelo chamamento incessante para passar algum tempo rolando um *feed* atraente, instigante e infinito.

Como se, imersos num complexo de urgência da informação tão quanto atraídos pelo vigor das telas, e cansados por uma crescente precarização do trabalho que também reduz e desqualifica o tempo disponível, estivéssemos apartados da abertura, da disponibilidade e da sutileza que requer a experiência para existir. Esse estado, que é de algum cinismo, muita exaustão e certa imobilidade, é engendrado também pelo fenômeno que Mark Fisher propõe chamar de “precorporação”, um conceito que compreende haver não mais uma incorporação de possíveis subversões pela cultura capitalista, mas uma *formatação e moldagem prévia dos desejos, aspirações e esperanças*.¹⁰ Em seu livro “Realismo Capitalista”, ele analisa o fio de sentido cultural, político e ideológico através do qual o neoliberalismo passou a ser assimilado não como um valor, mas como um fato. Ao ganhar o

caráter de fato no imaginário coletivo, as consequências de seu funcionamento disfuncional ainda são lidas como problemas, mas como “problemas naturais”. E sendo naturais, perdem capacidade de mobilizar, de sensibilizar.

Se a arquitetura pode ter seu sentido ligado à experiência espacial, num modo de vida vigente que se forja essa dimensão de primazia do ver em detrimento do sentir, e na facilidade com que é possível prescindir do fato em virtude da documentação, refletir sobre a nossa afetação — ou “não afetação” — pelo concreto pode ser um caminho também político para nos perguntar de que forma a experiência do cotidiano, da cidade, e em última instância, da realização da vida, pode nos posicionar diante disso. De que maneira nos irresignamos e insistimos em inventar o cotidiano? Quais são as nossas manobras diante desse imbróglio todo? Pode ser que faça sentido começar pela ideia de que talvez seja, sim, um imbróglio; mas não um imbróglio *natural*.

*Há um turbilhão, há uma
efervescência de baixo que a gente não
está podendo captar completamente,
nem integralmente, mas que há, e
que vai um dia ou outro confluir com
a produção de ideias para forçar um
outro caminho.*

Milton Santos

NOTAS

1 BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da Imagem**: vigilância e resistência na dadosfera. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

2 CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

3 *Idem*.

4 O que o Milton Santos diria do iFood? Podcast Prato Cheio. **O Joio e o Trigo**. 26 jun. 2021. Disponível em <<https://encr.pw/miltonsantosifood>>. Acesso em: 14 mai. 2023.

5 CERTEAU, Michel de. **Op. cit.**

6 BEIGUELMAN, Giselle. **Op. cit.**

7 NAHMAN, Haley. *TikTok and the Elusive Promise of Reality*. **Maybe Baby**. 06 nov. 2022. Disponível em <<https://11nq.com/tiktokelusivepromise>>. Acesso em: 23 mai. 2023.

8 FELINTO, Erick. apud BEIGUELMAN, Giselle. **Op. cit.**

9 NAHMAN, Haley. **Op. cit.**

10 FISHER, Mark. **Realismo Capitalista**: é Mais Fácil Imaginar o fim do Mundo do que o fim do Capitalismo?. 1. ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

visita

04/01/2023

*A vivência dessa escrita está se saindo mais complexa do que eu pensei que fosse ser. Escrever é uma atividade que se dá de maneira fluida pra mim, não sinto muitas dificuldades com a articulação das ideias e gosto do exercício. Mas escrever em busca de fragmentos tem sido um processo que tem me solicitado uma confiança no percurso e alguma paciência que, por vezes, não encontro em mim.
[...]*

Foi por uma visita no estágio que pude conhecer melhor um condomínio. Fui no horário da tarde, e o que constituía a principal dinâmica de movimento ali eram as construções de algumas casas. Sendo um condomínio relativamente novo, ainda havia muitos terrenos vagos ou com casas levantando.

Algumas percepções rápidas:

Parecia haver mais pessoas trabalhando na construção e na manutenção do funcionamento de uma figuração de cidade do que, de fato, pessoas morando.

Parecia, na verdade, e também talvez porque naquele momento tivessem várias casas em construção, um lugar cenográfico ainda em obras, que ao ser finalizado poderia vir a servir de fundo para alguma novela.

Mesmo as casas já construídas e habitadas pareciam esvaziadas; e isso pode dizer do horário, que era comercial, ou de arquiteturas que induzem formas de morar não tão expressivas para quem está fora. Como talvez já se pudesse esperar, havia um vazio profundo de dinâmicas orgânicas e autênticas.

Nenhuma dessas observações tem pretensões revelatórias.

Pensar em condomínios fechados é necessariamente pensar em seus muros; é o que materializa seus limites, tornando-os fechados. Muros determinam limites, e o

elemento que parecia ordenar os acontecimentos do condomínio resgatava repetidamente a ideia de limite. Os lotes, os recuos, as formas de agenciamentos; tudo estava muito bem organizado, muito bem delimitado e definido.

Parte das pessoas que lá estavam trabalhavam na construção da minicidade, enquanto a outra parte estava cuidando da manutenção dela. Uma porção menos visível de pessoas certamente ocupava a posição de moradores. Havia uma logística de segurança que a cada medida restritiva de acesso se distanciava mais da noção de urbanidade e também das possibilidades de surpresas, aproximando-se, em vez disso, de uma monotonia silenciosa e cada vez mais imutável.

É uma construção de realidade que tem por intenção ser paralela e que orgulhosamente se empenha no papel de constituir ali uma idealidade; uma realidade formatada. Se a condição para isso é se valer de um tipo de aprisionamento, que seja ele feito, os bucolismos podem ajudar a tornar desejáveis e vendáveis formas de vida isoladas. Retirada a variável da imprevisibilidade da rua e das dinâmicas possíveis da cidade em sua concretude e contraditoriedade, o que se tem é o suprasumo dos conteúdos entediantes.

Se o sonho ideológico da segurança se encontra realizado no morar que um condomínio fechado oferece, a impressão que causa é que, ali, a arquitetura pensada para possibilitar essa moradia passa a encarar uma missão que talvez possa se declarar falha já na sua origem: a de gerar alguma dinâmica mais intuitiva, alguma surpresa, alguma aproximação de um fio de imprevisibilidade. É vão tentar compensar com alguma arquitetura o que não é papel dela, mas das dinâmicas do espaço público e da rua.

[...]

*Quando o desânimo vem se aproximando,
rapidamente desacredito do que estou
pensando na escritura do momento e passo a
não mais ver valor naquilo. Surge um ímpeto
de largar o texto pela metade e começar uma
outra investigação, nova e fresca: ao começar
um outro ensaio, logo me animo e passo a ver
sentido no que estou fazendo. Com o passar
de (poucos) dias, esse sentido vai se perdendo
de mim, se esvaindo rapidamente até escapar
quase por completo a ponto de eu não querer
mais retornar a ele.*

Se repete.

necessidades
urbanas,

mobiliários
encantados

A principal dos Bancários é feita de comércios, calçadas desniveladas ou rampadas para estacionamento, algumas poças d'água aqui e ali, uma guia finíssima que divide os fluxos e que de vez em quando abriga um pedestre que tenta atravessar (essa ação requer um pouco de ousadia, alguma paciência e certamente um bom equilíbrio!). Barulho de carro, de moto, buzinas diversas. Muitas cores e slogans. Não dá vontade de sentar ali. Se nem para descansar, muito menos para conversar. Mas dois amigos me prometeram que já sentiram essa vontade.

Na verdade, foi mais uma urgência. Uma necessidade desesperada de conversar. Algo havia acontecido e precisava ser comentado. Bom, se era desesperada eu imagino que fosse mais como um desabafo. Porque o desabafo não escolhe bom momento. Precisava ser ali, naquela hora. Todas as vezes que precisei com urgência de um banco foi mesmo pela função de sentar. Com eles, nesse dia, disseram não ter sido assim. Não tinha tempo sequer para chegar a uma praça, ou à casa de algum deles. E não era coisa tão rápida e banal para se conversar em pé, precisavam estar sentados. Foram surpreendidos pela descoberta de que, ali, naquele caos, havia, sim, um banco.

Eu nunca o vi. E depois que me contaram desse banco em que passaram algum tempo conversando, toda vez que lembro da história, penso em procurá-lo. Vivo passando por lá, mas não o vejo. Acho que esqueço de prestar atenção realmente. Talvez eu precise ir determinada, especialmente

12/12/2022

[Escrito após assistir à defesa de tcc de alguns amigos, também formandos em arquitetura.]

Numa formação que em geral não encoraja de forma firme, assumida e eficaz uma autonomia da inventividade e do pensar, enxergar o tcc como um trabalho que pode ser experimental é um lembrete que deve ser despertado a todo tempo. É fácil desviar-se da investigação pretendida para uma via de trabalho que mais reproduz o conhecimento do que o produz, justamente porque às vezes não se encontra a confiança necessária para acreditar que a pesquisa em curso pode, sim, se sustentar em seu próprio percurso, de maneira honesta; sem presunções asseguradas numa ideia de fixidez do conhecimento que ceifa as possibilidades de dúvida e de liberdade. Que possamos rever os caminhos investigativos ao longo do caminho.

Por ruídos externos internalizados, podemos ir aos poucos desacreditando da potência das nossas dúvidas, uma vez que, no papel de arquitetos em formação, com urgência e repetidamente nos solicitam respostas. E as respostas têm seu valor, mas são restringidas pelos limites das perguntas. Talvez seja preciso acreditar nas próprias perguntas, por mais ingênuas e tolas que elas possam soar num primeiro momento. Talvez seja imprescindível não hesitar na decisão consciente e prática de levá-las a sério.

[...]

com esse propósito. Mas pode ser que eu não o tenha visto por não ter precisado dele. Foi o que eles disseram, que o tal banco só aparece a partir da necessidade. E qual a necessidade de um banco? Sentar? Não, a deles era de conversar. Não uma conversa rápida. Mas é realmente um lugar complicado para se haver a necessidade de sentar. Não tem como intenção convidar ninguém a passar tempo ali ou ficar. Na verdade, é quase expulsivo. É resolver o que precisa ser resolvido logo, porque dá vontade de sair o quanto antes, entrar na primeira rua perpendicular que aparecer e fazer outro destino.

Acharia improvável haver um banco por ali. Onde colocar? Como posicioná-lo? Para onde virá-lo? O problema nem é de espaço: espaço tem, o que não tem é cabimento. E por passar tantas vezes por lá e nunca tê-lo visto, desconfio dessa história. Mas no fundo quero acreditar que ele está por lá, esperando alguém precisar dele para só então aparecer, ou só então ser notado. Hoje estou precisando conversar. Vou sair para encontrá-lo.

trajeto nosso
de cada dia

ou

a hora do ufa

— AAAAAAAR

Desculpa!! Sofri uma tentativa de assalto nessa rua aqui, tô assustado!!!

— *Pois eu vou andar rápido!!!*

— POIS ANDE!!!!

Um diálogo parecido com este aconteceu numa noite em que estava saindo de casa e se surpreendeu com a presença de alguém atrás de si, no beco. Era uma mulher, que de sobressalto não deve ter entendido o grito. A ela explicou seu susto, e a moça, que se antes não estava caminhando atenta, com aquele relato decidiu passar a estar, logo acelerando seus passos.

Esse relato é de um amigo que costuma andar sempre rápido, atento, em estado de alerta. A conversa aconteceria às 20:00 do dia 28 de fevereiro. Acabou começando às 20:54 do mesmo dia porque eu demorei jantando e porque ele estava limpando o banheiro. Foi tudo online, por chamada de vídeo de *Whatsapp*. Antes de nos encaminharmos para uma conversa mais direcionada a este trabalho, conversamos algum tempo sobre o processo de mudança de apartamento que estava fazendo, as luzes do seu computador novo e seu computador antigo. Não posso deixar de dizer que essa é também parte da graça de substanciar um trabalho com escuta de relatos de amigos; tudo se mistura e é difícil dizer onde acaba uma coisa e onde começa outra, as transições entre assuntos não são muito nítidas ou duras, a troca já está

mobilizada e a subsequência da contação de histórias pode fluir como fluem as conversas do cotidiano. Prova disso é que uma das razões pelas quais quis escutá-lo foi justamente a curiosidade em saber mais de uma fala sua que tinha ouvido tempos atrás e me marcou de algum modo, durante uma conversa antiga acontecida antes mesmo de eu iniciar esse trabalho.

No ônibus, voltando do Centro, não pela primeira vez entramos no assunto de quando ele morava em seu segundo apartamento aqui em João Pessoa — ele já se mudou algumas cinco vezes desde que veio morar aqui. Não dá para dizer que era um assunto novo porque, gostando tanto de morar lá, lembro de termos conversado sobre isso mais do que algumas vezes. Enquanto morava lá, ele adorava o processo de chegar em casa. A caminhada até seu prédio era tranquila e confortável. Dizia-se até bonita, também porque a chegada era ao anoitecer, e esse percurso que fazia andando era a transição pedida entre o trabalho e o estar em casa.

Escutando música nos fones de ouvido, sentia-se bem e em segurança, podia ir aos poucos desacelerando o ritmo apressado trazido do trabalho, conforme caminhava. Havia perto um empraçamento e um parquinho que, juntos, a partir das pessoas sentadas em seus bancos e das crianças que no parquinho brincavam, lhe traziam alguma sensação de acolhimento, de leveza. Esse lugar que morava é um condomínio fechado, ou, como na definição que encontrei pesquisando pelo Google Maps, um “complexo de condomínios”. Possui ruas e os blocos são todos de pilotis mais três pavimentos. A sua caminhada acontecia ali, por entre os blocos, o empraçamento e por essas breves ruas.

Como moramos muito próximos e fazíamos percursos bem parecidos, foi curioso saber que essa gradação entre estar na rua e estar em casa vivenciada com calma, que eu sentia nos meus trajetos diários na rua mesmo, por ele

era vivida apenas nas curtas e fechadas ruas do condomínio e, portanto, pôde ser experimentada somente durante o período de tempo em que lá morou e quando habitou um outro complexo de condomínios, não se repetindo nos prédios seguintes, já que eram sempre um bloco apenas e portanto sem “ruas” onde pudesse caminhar desatento antes de chegar em casa; nesses outros, sentia a chegada sempre abrupta, rápida demais, objetiva, um percurso muito rápido entre fora e dentro.

É quase dispensável dizer que as sensações de medo e as noções de perigo são para cada indivíduo de modos, circunstâncias e intensidades particulares, diferentes entre si, dimensões atravessadas pela interseccionalidade entre gênero, raça e classe. As condições de segurança que para mim costumo pensar que são o horário diurno, ser um lugar conhecido e ter a presença de pessoas, para ele parecia ir além, acrescentando de outras coisas e sentida com mais nitidez em espaços de alguma forma monitorados ou controlados.

Me fez pensar sobre como nos comportamos ao caminhar na rua; como nos sentimos nos nossos trajetos diários e, a partir dessas sensações, em que velocidade ou ritmo andamos, e em que direção nosso olhar se atenta, e como decidimos esses percursos e optamos por mantê-los ou variá-los vez por outra, e se neles é possível em algum momento nos permitirmos estar desatentos, e o que denota a nossa chegada em casa ou a outros destinos (sensação de alívio? não muita coisa? tédio?), que sentidos são convocados nesses percursos e como somos afetados por eles?

Essas são questões que quis prestar atenção por terem sido mobilizadas em mim enquanto o escutava contar de seu alívio em passar da portaria para dentro. Alguns metros antes de poder cruzar a portaria ele passava pela principal via do bairro Bancários, e por isso me gerou alguma surpresa saber que o momento de estar do lado de dentro da

guarita era significada como um encontro com o alívio e a segurança — numa área com tanta movimentação de pessoas indo e vindo o tempo todo.

Percebi que eu ficava mais em alerta quando eu andava nos becos, andava olhando pra trás.

O reflexo de olhar para trás tornou-se mais frequente após ter vivenciado a tentativa de assalto que gerou o susto do início desse texto, quando já morando em outro prédio, estava chegando em casa, no beco que lhe dava acesso. Na ocasião, não estava com nada de valor que pudesse ser entregue, por isso o assalto ficou apenas na tentativa.

O fato de portar ou não o celular e o notebook influenciavam em suas escolhas de percursos. Por exemplo, no típico caminho de volta da universidade para casa, quando passava pela também típica (para nós) indecisão de ir de ônibus ou a pé, escolheu ir de ônibus porque estava com o notebook. Eles ditam também um pouco de sua rigidez ao caminhar. No sentido de que, estando sem essas coisas, sua sensação de perigo iminente reduz, já não possuindo ali “nada para ser roubado”. Contudo, apesar de na rua seu corpo sem “posses” lhe proporcionar mais tranquilidade, mesmo em se tratando de um corpo branco, cis, masculino (contra o qual ao menos a ameaça de violência sexual atinge em menor frequência do que em relação a mulheres e grupos minoritários de gênero), afirmou andar sempre atento, em alerta.

Mas eu sabia que ele já havia morado numa cidade do interior, e perguntei-lhe se sua experiência por lá de curtos trajetos nas ruas também era atravessada pelo medo, por essa atenção carregada na crença de um perigo iminente. Respondeu que não, que isso era coisa de capital. Nisso, foi me conduzindo por todas as casas em que morou num outro estado, antes de se mudar para a Paraíba, ou João Pessoa. Eu

não fazia ideia de que ele já tinha vivido em tantas casas. De que também ele havia sido uma criança que passou boa parte da infância se mudando (de casa em casa, e a cada casa, de vida em vida). Em dado momento pareceu não se satisfazer mais com a capacidade representativa das palavras faladas e quis me explicar passeando pelo Google Maps.

Mostrou-me a Vila Guilhermina, onde não viveu muito tempo, embora suas melhores memórias de infância lembradas tenham acontecido por lá.

Talvez não tenha muito a ver com arquitetura... era o momento da vida. Meus pais estavam mais presentes, a gente brincava no corredor. [...] Quando saí, eu falava que ia sentir saudade da vila, fui muito feliz lá.

A certa altura, mudou-se para uma casa menos próxima da zona urbana, quase como um sítio. Um terreno enorme, em dimensões de fazenda. De fato, criavam cavalos e galinhas. Havia sinuca, piscina, tanque, todo um aparato para o lazer. O problema aqui foi que nessa mesma época seus pais começaram a trabalhar demais, e a maior parte de seu tempo passava sozinho. Sobre seus pais recaía boa parte de suas possibilidades de companhia, já que a casa não tinha mais por perto sua avó, seus amigos vizinhos ou mesmo qualquer tipo de vizinhança. Sentia-se isolado, dentro dos limites dos muros que cercavam o grande terreno.

Por mais que a casa fosse muito boa: piscina, espaço pra correr... não adiantava, porque não tinha ninguém pra brincar... e eu ficava dentro. Quando meus primos iam pra lá era muito bom, mas era uma vez perdida.

A manutenção da casa do sítio, com suas dimensões e seus diversificados animais, era custosa, e chegou um

momento em que não estava mais dentro das condições mantê-la em funcionamento. A solução foi o retorno para uma antiga casa amarela de número pintado a mão, que ele mesmo pintou, onde já havia morado uma vez, durante uns poucos anos. Lá ele morou até se mudar, dessa vez sem a família, para João Pessoa.

O que nos traz pro momento atual, que é também de mudança de apartamento. Está saindo de um prédio implantado numa rua que, direcionando-se a partir da principal para dentro do bairro, é a terceira rua paralela a ela. Tem chegado em casa quase como se tivesse adiado a respiração até cruzar porta adentro. Acho até que ele adia, faz tipo um racionamento. Direto pro sofá, recuperar o fôlego. Não por causa desse quase assalto aí, não. É que ele costuma andar sempre rápido, atento, em estado de alerta. Estava bem acostumado no anterior. Agora mora num prédio apenas, não tem mais outros blocos e as ruas-condomínio. Então, se quiser caminhar para desacelerar, que faça isso na rua-rua; mas nelas tem dificuldade de desativar seu estado vigilante. Nelas não caminha desatento. Daí a chegada em casa está sendo um momento de transição meio abrupta, rápida demais, e o sofá está se mostrando menos eficaz do que as ruas nesse processo. Esses dias ele estava trabalhando no projeto de um “espaço de descompressão” no estágio, assim bem especializado. Aproveito o nome que veio na lembrança só para pensar que suas antigas ruazinhas eram sua descompressão. Onde está agora, ele passa pelo portão, anda uns dez metros, atravessa uma outra porta e tem de subir uma escada. Não ajuda morar no terceiro andar, somando uns seis lances até poder dizer ufa.

Na verdade, à altura da conclusão desse trabalho ele já deve estar bem melhor habituado ao prédio, à rua, e ao milkshake gigante que tem agora em sua janela. Não é uma metáfora esquisita, realmente tem, devido a uma

lanchonete que existe em frente, uma coisa meio *kitsch* mesmo. Seus percursos, suas dinâmicas de morar, de sair e de entrar, seus horários, os sons da cidade e o ritmo que adota provavelmente agora, após algum tempo, já estão sendo outros. Ou não.

[...] Por um deslize mínimo, frequentemente nos desconectamos do que guia nossa vontade de descoberta e somos arrastados, com enfado, a seguir aquilo que nos parece ser mais “acadêmico”, pois soa mais consistente e “científico”, ainda que isso signifique ir aceitando fazer algumas concessões. Essas concessões, embora pareçam pequenas, se frequentes, quando totalizadas, acabam por reduzir o campo de experimentação possível, porque, no limite, ensejam a coerência científica. No entanto, uma coerência que talvez seja incapaz de dar conta da realidade contraditória dos conteúdos concretos da vida e da natureza investigativa por vezes não absoluta de pesquisas que perpassam discussões de arquitetura e cidade.

carta aberta a um ciclista à deriva

[...] Ao deslocar o foco para o cumprimento de uma objetividade “coesa”, corre-se o risco de desvalorizar aspectos significativos do trabalho, na medida em que se “corta” todos aqueles resíduos que não podem ser contidos pelo formato exigido, o que enfraquece os argumentos fabricados. Aquilo que há de mais fundamental se encontra justamente na medida em que é possível estarmos conectados e entrelaçados com a investigação em curso. Uma pesquisa não se faz sozinha, mas estar amalgamado a ela é tão possível quanto acabar se distanciando a ponto de tornar sua tônica antes burocrática do que curiosa e investigativa.

Era um livro pequenininho. De brochura, a capa e a contracapa endurecidas por dois recortes de papel parafinado, um na frente e outro atrás, colados externamente. A lombada tinha uma cor coral. Nela estava escrito: *um ciclista à deriva EXPERIÊNCIAS ERRÁTICAS E NARRATIVAS SENSÍVEIS EM JOÃO PESSOA*.¹ Não dizia autoria por fora, só dentro, na folha de rosto (quanta modéstia!, se eu tivesse feito esse trabalho eu com certeza colocaria meu nome por fora). Me veio agora uma frase slogan de uma ótica que diz sobre si que “até dói chamar de ótica”. Não sei se de fato me dói chamá-la de ótica, mas tive essa mesma sensação com seu trabalho: até dói chamar de TCC.

Tive acesso a ele de um jeito meio roubado. Ou furtado, já que foi sem você saber. Bom, agora sabe. Tudo bem, nem foi tão furto assim, ele deve estar público; seria um caminho factível encontrá-lo no repositório digital da universidade. Embora não tenha sido por essa via que ocorreu. Foi ainda melhor, encontrei ele físico! Eu poderia dizer que o que aconteceu foi que tomei ele de você por um tempinho a mais, já que em primeiro lugar você já não o tinha, mas prefiro acreditar que ele derivou até mim.

Lembra aquele dia em que você encontrou a professora que te orientou e vocês conversaram brevemente, e você lamentou pra ela que acabou ficando sem nenhuma cópia do próprio trabalho?, ao que ela respondeu algo parecido com “Ué, eu tenho uma! Te dou a minha!”? Então, ela tentou. Levou-o e o manteve guardado no carro dela, aguardando

pelo momento em que te encontraria. Ela tinha (e tem!) a intenção de te entregar, mas na sua generosidade, me emprestou antes de te devolver. Está comigo, logo devolvo a ela. Com sorte, dessa vez ele deve te encontrar. Antes disso, queria retorná-lo a você com algumas palavras a mais, minhas.

Depois de religiosamente ler os agradecimentos, como sempre faço até quando não prossigo com a leitura do trabalho, tentei ler obedecendo a ordem que você estabeleceu: *1 introdução, 2 referencial teórico, 3 um ciclista à deriva, 4 considerações*. Ainda que as partes parecessem todas muito consistentes numa folheada rápida, não consegui ler mais do que alguns parágrafos da introdução antes de escapar direto para aquilo que com pressa me convocava: o capítulo *3 um ciclista à deriva*, que já era para mim *O ciclista à deriva*, e que continha os subcapítulos *experiências, relatos, cronofotografias, pequeno manual de uma bicicleta à deriva*. Esses, eu li numa sentada.

Fiquei pensando sobre o meu próprio processo, no quanto em muitos momentos de escrita me ocorreu que havia uma insistência investigativa minha exaustiva em alguns trechos, típica de alguém que via coisas onde não havia, ou que eu tendia a ter uma percepção e necessidade de comunicação de aspectos desimportantes demais para o trabalho, mas que por algum motivo eu queria dizer e sentia como parte dele. E então vi você habilmente se permitir contar sobre o moço que, em uma de suas derivas, te abordou puxando assunto sobre bicicleta e construção de ciclovias em Fortaleza (e que depois mudou de assunto para comentar sobre o seu bigode, elogiando-o, “é bem cheio!”, e após mais algum tempo de conversa, revelou ser barbeiro, passando o endereço de onde trabalhava). Amei saber disso; amei mais ainda saber que depois você duvidou dos elogios e que ficou imaginando ele “abordando desconhecidos e os transformando em clientes”.

Essa foi só uma das vezes em que fui atravessada pelos seus escritos, mas em todos os relatos encontrei momentos fascinantes que poderiam facilmente ter sido cortados do corpo do trabalho, se vividos ou narrados com um pouco menos de atenção às sutilezas. Ainda bem que não foi o caso. Relatos curtos ou longos, com imagens mas às vezes sem, alguns com diálogos e outros não. Vejo que prevaleceu o cuidado com a matéria, desviando do apego pela forma, que por vezes pode seduzir tanto. Requer alguma coragem conceder-se a permissão de narrar experiências com muito de si, numa clara abertura à recepção e valorização dos restos fragmentários que compõem o todo, e que não objetivamente respondem ao que em geral esperamos. Depois pensei que pela leveza e liberdade na condução das narrativas, talvez a autolegitimação do seu trabalho não tenha sido uma questão tão forte pra você.

Para tensionar uma ideia, gostaria de pedir licença para distanciar um pouco o seu texto dos situacionistas, da teoria da deriva, das experiências erráticas. Fazendo isso, imagino que possa estar desvirtuando um pouco o seu trabalho — não pelo viés de retirar-lhe as virtudes, mas pela via um pouco insolente de conscientemente provocar um desvio em seu sentido. Insisto nisso.

Aciono olhos categóricos, faço uma leitura categorizante e então digo que, embora a princípio parecesse que sim, esse relato do bigode não falava diretamente de bicicletas, ciclistas, carros ou qualquer coisa de mobilidade urbana. Talvez, forçando um pouco, se fosse mesmo para encaixotá-lo, coubesse nos limites de algo sobre marketing, estratégia de captação de clientes. Esse, eu sei, é um olhar superficial. Digo olhar porque é uma visão, mas se expressa também por uma voz que ecoa — não apenas pelas paredes da academia, já que uma linha de pensamento binário talvez a preceda e tenha origem em raízes ainda mais profundas, mas que se

demonstra fortemente através dela — ditando o que faz parte disso ou daquilo, o que realmente contempla uma discussão ou outra, o que é arquitetura e o que é cidade, o que é acadêmico e o que não é, se encerrando, talvez, no limite do que pode e do que não pode.

Mas em que ajuda, na construção e principalmente no movimento do pensamento, definições como essas? Para além do ato do encaixe? É uma satisfação leviana de um desejo de entender? De um anseio de conhecer e organizar? Certamente há prazer nisso, não duvido. Talvez ao ler um trabalho, saber exatamente os limites em que ele se situa, desde o início, possa trazer ao leitor ou ao “leitor acadêmico” um acalanto, uma sensação de abarcamento, de abrangência do entendimento dele. Na rapidez com que se forjou o ritmo de leituras acadêmicas, engendrado por uma conjuntura produtivista que estabelece a praticidade com que se toma os atos de ler e de escrever, desenvolver um trabalho que obedece às normas e margens com rigidez pode ser uma vantagem.

Atender a esse possível anseio do leitor, quase como oferecendo algo mais estático e seguro, que se compromete a falar de uma coisa só e de um jeito só, do início ao fim, não acho que seja a coisa importante do seu trabalho. Também não é no meu, para possível desespero (ou instigação) do leitor.

Resgato a ideia de que, às vezes, alguns aspectos de um trabalho realmente podem se tornar mais claros e consistentes e, como, em contrapartida, nem sempre essa avaliação de qualidade se sustenta, podendo partir de mera incompreensão dos resíduos impuros que integram a própria natureza do trabalho, e que transitam por várias “desobjetividades” muitas vezes. Porque não está exatamente em precisar um tema, uma categoria. Acredito que o sentido esteja mais próximo das capilaridades possíveis, do potencial das bifurcações. Conquistas essas dificilmente alcançadas através de um esforço rígido de limpeza, cortes, ensejo de um estado de pureza.

Digo, vale mais poder pensar que o fato de você estar utilizando a bicicleta promoveu uma necessidade de descanso em uma praça. Nessa praça, alguém te abordou. Alguém se sentiu à vontade para fazer essa interação. Você, em situação de deriva, ou em situação de si mesmo, interagiu de volta. Teve uma parte sua, o bigode, elogiada. Agradeceu, feliz. Logo descobriu que havia ali um conflito de interesses, será que foi sincero o elogio? Que curiosa a abordagem. Alguém procurando barbudos e bigodudos por aí para divulgar seu trabalho. Quanta aposta na interação!

Se a pé, qual poderia ter sido o tema da abordagem? Se de carro, nem a necessidade de descanso na praça haveria. Se de ônibus, as interações seriam outras. É pelo ato de trazer os restos para o trabalho e assumi-los como parte fundamental. Por ele, te agradeço, Rodolfo.

NOTAS

1 SANTANA, José Rodolfo da Silva. **Um ciclista à deriva:** experiências erráticas e narrativas sensíveis em João Pessoa. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba, 2020.



meu querido não lugar

Quem falava dele para mim gostava de usar as palavras natureza e liberdade nas descrições. Onde nasci, natureza a gente aprende na escola do que se trata, então eu fazia minha ideia: alguma mata verde, alguma água azul, como costumava representar nos meus desenhos que se repetiam. Liberdade não é coisa que se ensina na escola, ou pelo menos não na minha, mas foi o pátio dela o que provavelmente me levou a ter pensado em espaços de abertura e amplidão como sentido dessa palavra.

A primeira vez que o conheci não foi física. Dos quatro aos oito anos de idade, de 2003 a 2007, escutei seu nome ser mencionado com muita saudade. As pessoas que o narravam tinham pressa em reencontrá-lo. Uma pressa diferente, que embora sentida foi sendo adiada porque não parecia ser o momento certo de expressá-la. Fiz minha construção dele com o que eu tinha, palavras e afetações contadas. De ouvi-las, passei também a querer esse retorno. Não sabia que minha referência de retorno seria outra, mas estava ansiosa pelo nosso encontro. Não me importava mudar de casa, cidade, escola, amigos; queria saber dele. Não me doía abandonar nada, nem mesmo o clube que eu gostava tanto de ir e que raramente íamos. A primeira vez que o conheci foi imaginária.

Da segunda vez, esta física, vi as cores verde e azul, que eu remetia à natureza, se tornarem outras; mais quentes e amareladas. Às vezes pálidas, opacas. Falava comigo de um jeito que eu não entendia. Me dizia que agora eu poderia fazer

coisas que eu não via sentido nem tinha vontade de fazer; mas que devia ficar feliz em podê-las. Ah, a liberdade.

Dentro dos seus limites, meus pais ficavam diferentes: suas presenças tinham menos contornos e ocupavam menos espaços de mim, os via poucas vezes ao dia. Eles estavam sempre por perto e eu conseguia vê-los a hora que quisesse, mas os encontrava ocupados, certamente vendo formas de sustentar um relacionamento prático, material, financeiro com ele; sem isso, todo o afeto do mundo seria insuficiente, teríamos que deixá-lo e essa era para eles a última das possibilidades.

Então fui passando a me ocupar mais da relação entre a gente que ali começava; esse sim era um problema meu. Logo soube que ele abrigava muitas outras pessoas: avós, tias, tios, primos, vizinhos e parentes, que embora em sua maioria eu não conhecesse, aos poucos fui me enturmando e me virando com elas. Era uma quantidade esquisita de pessoas envolvidas em dar conta de mim, somavam-se muitos olhos para cuidar. Me incomodavam as lacunas da oralidade que eu não sabia com que recurso de compreensão preencher. A lapiseira que não era lapiseira mas lápis de ponta, o grafite que era a ponta e o apontador que era a lapiseira. O enjôo, que eu sentia muito, e que era na verdade uma gastura. A bola que precisava ser pega ligeiro! Quando encontro a palavra “ligeiramente” sendo usada para qualificar algo, ainda travo em entender seu sentido. É rápido? É fraco? É pouco? É muito? Não precisa responder, agora já não me serviria saber.

Nesse desvelar de palavras, eu já o percorria todinho, de bicicleta, com outras crianças. Aprendi relativamente rápido os caminhos de suas ladeiras, quais eram as ruas de barro, as de calçamento e as raras de asfalto. Fui aprendendo a identificá-las como se fossem pertencentes a alguém, assim como as pessoas. De tal modo que entendi que na nova

apresentação a ser feita o comparecimento do meu nome era dispensável, contanto que nela estivesse presente no mínimo outros dois — do meu pai e do meu avô ou da minha mãe e o do meu outro avô — que apontassem a raiz do nosso vínculo e sanassem as dúvidas que chegavam aos montes sobre o que estava havendo entre mim e ele.

Em dimensões como as dele, o ver e o ser visto não têm como acontecer de forma efêmera e banal. Quem é visto não escapa com rapidez ou superficialidade. Há um ritmo próprio, que dá tempo aos olhos de perscrutar quem passa. O que o nutre não são tanto as atividades em si, mas um fato pelo qual se orgulha e estufa o peito pra contar: são as trocas engendradas pelo elo de *saber quem é* todo mundo! Esse elo inevitável transita por um senso que não consegue decidir se é de cuidado ou de controle. Arrisco dizer que sejam os dois. Andam juntos, às vezes um mais em evidência que o outro, frequentemente se misturando e se confundindo. Distinguindo-se de outros, maiores, nele vemos e somos vistos por pessoas conhecidas; o que altera o cerne dos acontecimentos.

Demorei um tempo até perceber que ele prefere não se relacionar com desconhecidos. Se puder, nem os recebe. Quando os aceita é para se vangloriar da novidade. Somos bem-vindos se de passagem, mas caso se queira ficar é outra história. Quase como se dissesse: *se quiserem podem vir, mas ficarão à própria sorte*. Direito dele, que não quer ter de se preocupar em propor outros arranjos, não quer saber de alteridade, não é sua praia. Já tão habituado com suas pastas burocráticas de informações — quem mora onde, quem vive do quê, quem é filho de quem e o que faz. Mexer nessa outra organicidade atrapalharia seu fluxo. Mas acho que ele se engana quando pensa que por conta dessas pastas conhece quem o habita. E acho que eu me engano quando penso que suas pastas tolhem qualquer ameaça de subjetividade; devo apenas não entender sua lógica.

Mas em alguma dimensão minha, eu o entendo. Como eu e todo mundo, ele tem os seus limites, e a ideia de poder conhecê-los deve ter soado até divertida para mim no início desse relacionamento. Imagina que instigante deve ter sido pensar na ideia de conseguir alcançar, de bicicleta, um desvelamento total, sem adultos mediando. Só depois a descoberta dos limites foi se tornando uma consciência enfadonha, que prometia a segurança e o livre circular, e também acontecimento algum.

É que foi absolutamente estranho, para mim, conhecer suas fronteiras. Não pensava ser possível saber onde se encerrava uma cidade, poder distinguir começo e fim. Depois daqueles pontos, nada. Ter consciência dos limites, significou, talvez, não mais ser capaz de imaginar o que havia além deles. A ausência do desconhecido, ainda que fosse de perigo, me castigava. E no entanto o que eu tinha ali também não era conhecido. Era um meio do caminho que me imobilizava no impasse de ter toda a liberdade do mundo no lugar mais bem delimitado do mundo.

26/11

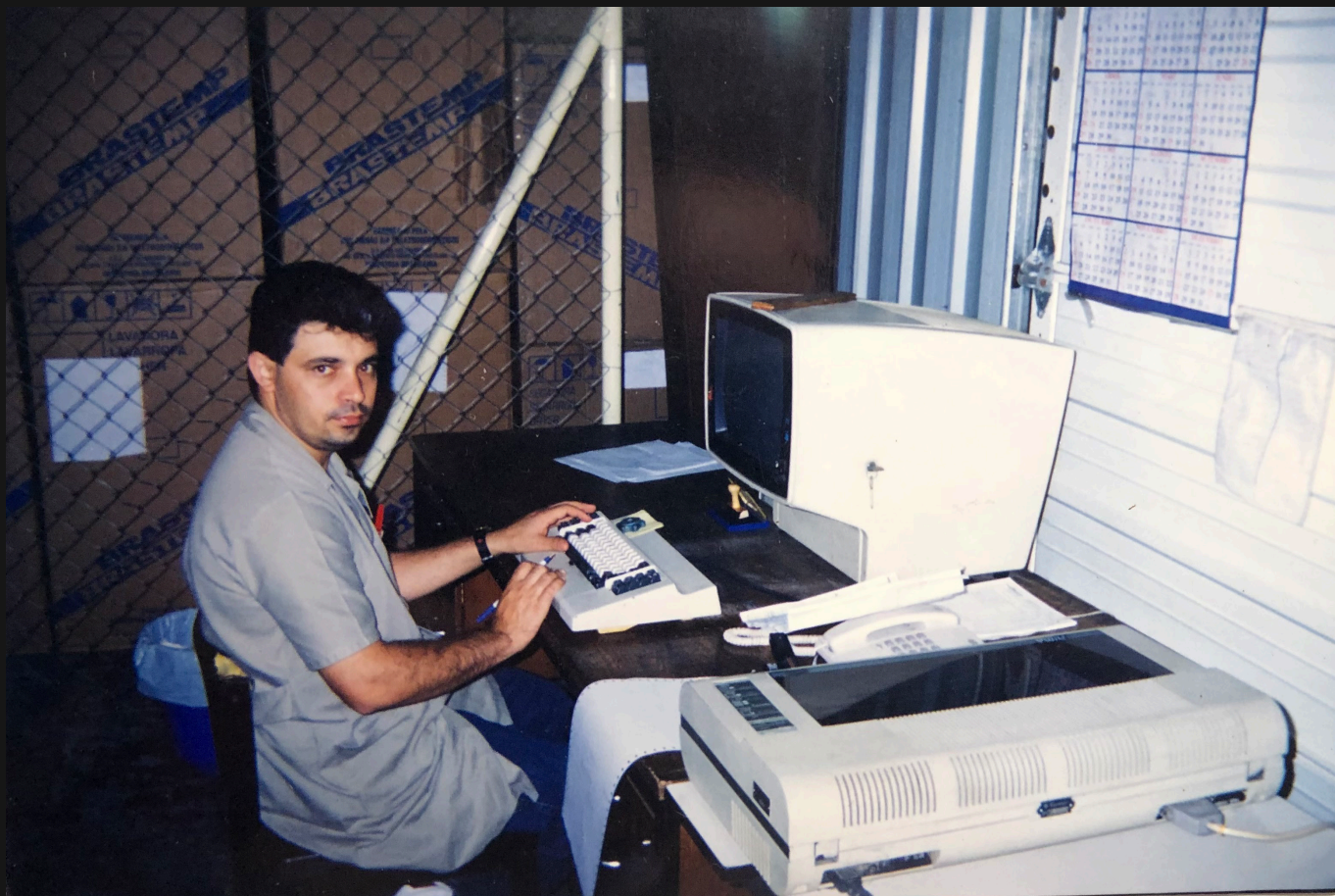
sobre a constância do trabalho

O vazio fez parte, durante um bom tempo, do que eu achava ser meu horizonte temático. Uma verdade, talvez seja um verso sobre ele e mais sobre o que pode marcar a partir dele, e de fato o que começou a aparecer e ganhar força com a ponderação que fez dele enquanto elemento constitutivo fundamental; uma deslocação do enfoque de preocupação

Clarice, "Nos primeiros tempos de Brasília" (1976)

"Em Brasília, não há por onde entrar, nem há por onde sair. (...). Uma prisão ao ar livre. De qualquer modo não haveria para onde fugir. Pois quem foge via provavelmente para Brasília. Preenham-me

de quem
foi embora
primeiro



- *Tem prova hoje, filho? Tem que estudar?*
- *Tenho, pai. Não vou hoje.*

Às vezes nem tinha prova, mas eu ficava com raiva daquela vida e dizia que tinha. Depois eu via ele sair pra roça e ficava pensando “Como é que eu vou deixar meu pai ir trabalhar sozinho pra ficar aqui? Não posso fazer isso.” Então eu ia atrás dele, aparecia por lá, com raiva, mas ia.

Trabalho. Ou a necessidade de um. É o motivo primeiro para ir embora. E é o que agrega a pressa, quando no lugar em que se está não há muitas possibilidades. Sendo o mais velho de sete, o ímpeto de ir embora chamava desde cedo. Quando completou dezessete, soube que era o momento. *O certo é certo.* Até hoje entoa essa frase, e tenho a impressão de que por muitos momentos foi ela o que lhe moveu. Geralmente nas situações em que precisa fazer o que é certo, e nem sempre o que é certo é o que sentimos de fazer; mas muitas vezes é o que precisa ser feito.

Eu queria muito ficar aqui, mas não via muita perspectiva. Eu saí daqui com o olho nadando em lágrimas.

Não era sua vontade, mas precisava. Foi embora com destino ao Rio de Janeiro, onde já moravam alguns conhecidos e uma promessa de emprego o aguardava. Trabalhou primeiro numa padaria, e depois, já em São Bernardo do Campo, alguns anos como garçom. Ele lembra das ruas e dos percursos que fazia, dos nomes das pessoas que estiveram presentes e das datas específicas de muitos fatos que lhe foram importantes. E de alguns detalhes que ficaram. Os restos. A venda de cofres no metrô, por uns dias. Perguntavam: *Quem tem dinheiro pra botar em cofre?* Era uma boa pergunta, para a qual também não tinha a resposta. Ou o veneno para rato,

cujas vendas eram orientadas que se chamasse de remédio para rato. Soava melhor, talvez vendesse mais.

Se os domingos são, por natureza ou convenção, dias de angústia, o do dia 1º de maio de 1994 não conseguiu ser diferente. Naquela semana e, por coincidência naquele Dia do Trabalho específico, aguardava ser chamado em um novo emprego, que lhe havia dado alguma segurança de contratação, mas no ato do processo foi preciso adiar a efetivação em uma semana. Esse acordo, firmado por boca, não era forte o suficiente para combater os seus pensamentos ruminantes, principalmente porque já havia pedido demissão do outro trabalho.

Quando você pede a conta, você sai sem nada.

Restava aguardar, sentado. Assistia a alguma programação de corrida de Fórmula 1, daquela forma que assistimos a algo quando queremos muito nos distrair e não obtemos sucesso: sem prestar muita atenção, apenas vendo as imagens passarem com seus sons pouco distinguíveis. O som que ecoava em sua mente era o da frase dita pela ex-chefe no momento de seu pedido de demissão. *Cuidado pra não bater com a cara na porta.*

Deve ter dito isso pensando que se ele precisasse voltar, encontraria uma porta fechada. E bateria a cara nela. Será que ela estava certa? Bem que ela avisou. Vai acontecer igualzinho. Não, eles garantiram. Garantiram falando. Pode ser que dê certo. Não é possível que aconteça igual como ela disse que aconteceria. É possível sim. Tanto é que vai acontecer. Não vou poder voltar lá. Nem que eu quisesse. Fluxos de pensamentos espiralados dos quais somente algo muito chamativo poderia retirá-lo. A música do plantão da Globo. Foi o que interrompeu seu falatório mental e o convocou ao real. Após a música, o anúncio, na voz do repórter Roberto Cabrini:

Neste momento, a médica Maria Teresa Fiandri comunica a todos os jornalistas aqui do Hospital Maggiore, de Bolonha, que Ayrton Senna da Silva está morto. [...] Uma notícia que a gente nunca gostaria de dar. Morreu Ayrton Senna da Silva.

NOTAS

[Nesse dia não soube, mas uma semana depois acabou de fato sendo chamado no emprego, e por lá trabalhou durante dez anos.]

escrita do ensaio
|
sem transcrição,
com anotações

✗ não conseguiu registrar algumas frases

✗ mais atenta ao que é dito e aos direcionamentos de condução da fala

✗ o material final são os fragmentos anotados, já filtrados de certa forma pelo ~~criar~~ do que impacta. as frases mudam de escrita e tamanho, as abreviações com muitas.

principalmente por transcrever, talvez fosse o caso de apenas ressaltar, sem fazer uma transcrição da íntegra

gravação
com transcrição,
sem anotações

✗ trabalho e tempo de escuta e transcrição

✗ perde dos focos durante a conversa (adquire uma ambiência de conversa mesmo e dedica menos atenção à condução)

✗ depois, como reage à ressonância do áudio, podendo ter em outro momento uma outra leitura do que foi falado

↓
✗ tranquilidade de ter tudo ali. ao mesmo tempo, um sintoma ansioso amarrado em ter a história e as frases já prontas.

de quem foi
embora e
voltou



Fiquei encantada. Eu amei. Amei as pichações. Eu achava aquilo lindo. Eu não dizia pra ninguém porque eu tinha vergonha de dizer. Eles subiam nos prédios mais altos e pichavam. Foi a primeira coisa que eu vi. Eu achava aqueles caras que faziam aquilo uns artistas porque eles subiam muito alto. O que me encantou mais na entrada de São Paulo foi isso. Foi a primeira coisa que eu avistei quando entrei na cidade.

Eu amava, e senti muito medo e muito pânico porque pensei “meu Deus do céu, como eu vou saber andar aqui?”. A única pessoa que eu conhecia era Manoel e só, mais ninguém. Aquilo me assustou muito. Porque o não saber ir e voltar sozinha, pra mim era coisa que não existia. A cidade maior que eu conhecia era Sousa, mas em Sousa eu sabia andar. Então pensei que eu tinha que aprender a chegar no centro da cidade sozinha, porque eu achava que sabendo chegar ao centro eu já sabia me salvar.

Em três dias eu aprendi a pegar o ônibus, descer no ponto, entender as paradas. Depois que eu aprendi a ir pro centro e voltar eu fiquei mais tranquila. Eram trinta minutos a pé. [Antes] eu era acostumada a andar uma hora a pé. Eu saía olhando as ruas, olhando as pichações, olhando as lojas. [Antes] eu não tinha lojas pra ver. Aí fiquei um mês lá e fui arranjar emprego. Fui na Drogaria São Paulo, por coincidência o rapaz de lá era de Sousa e me contratou.

Se eu pensava em voltar? Nunca. Eu achei que eu tinha me encontrado ali. Achei o centro do mundo. A gente comprou uma casa, mudou de bairro, tudo novo de novo. Até então eu não via nada de mal lá. Quando a gente cuida só da gente tudo é bom, tudo é tranquilo. Mas quando a gente tem filho tem que cuidar de outra vida além da gente. Quando você tem mais duas vidas pra cuidar aí você vê a violência, começa a ver tudo de ruim. As escolas também... as escolas no início até que eram boas mas iam ficando perigosas. E aí era como se as crianças não pudessem crescer: quanto mais cresce, pior fica a vida em São Paulo. Quando a criança vai crescendo, a violência vai tomando de conta das salas... isso foi me angustiando.

Eu não queria mais saber de lá. Tinha salário, tinha convênio médico, e se viesse para cá não tinha mais nada. Mesmo assim eu dizia todo dia que eu ia embora. Quando meu pai adoeceu, eu falei de vez: eu vou embora. Não tinha mais como. E quando eu decido já era: não tem dor, não tem nada. É isso e acabou, as decisões são essas.

E aí quando o avião parou em João Pessoa, que eu vi aquela terra branca, eu disse “meu Deus, meu Nordeste!”. Me deu vontade de fazer igual o papa e beijar o chão. “Meu lugar!”. É outro ar, parecia que eu tava perto da terra. Quando eu tava em São Paulo era como se eu flutuasse, como se minhas raízes tivessem sido arrancadas, eu não tinha pés, eu não me firmava e quando eu cheguei aqui... pisar naquela terra branca maravilhosa. Mesmo com meu pai doente, eu sentia uma alegria enorme de estar de volta. Mas sentia também uma dor na barriga enorme de ter que enfrentar a vida. A vida e a morte, né, porque eram as duas coisas. Meu pai tava morrendo, a gente sabia disso. [...]

Quando eu cheguei a Fátima disse “você não fica mais do que cinco anos aqui, as pessoas dessa cidade vão te pôr pra fora daqui”. E eu disse “eu vim pra ficar”. “aí, que cidade pequena você não pode brigar com o povo”. Você não pode é ser idiota, se você tiver chegando e baixar a cabeça, eles montam. Chegue, mas chegue brocando. É por aí. Eu entendo ela. Põe pra ir embora mesmo. Pisa, machuca. Só sobrevive na cidade pequena quem é forte. Eu gosto de estar em lugares onde eu conheço todo mundo. Lugares em que as pessoas me conheçam e me vejam. Eu gosto de estar conhecida. Não gosto de ir pra lugar desconhecido, não. É tanto que quando eu vou à praia em João Pessoa, eu faço logo amizade com alguém, para eu me sentir habitada. Se eu não fizer amizade, eu não tô bem. Acho que as pessoas são muito importantes. Eu sou um pouquinho entrona, às vezes eu vejo uns meninos jogando bola, eu chego chutando e digo “ei, posso jogar com vocês?”

de quem
apenas
chegou



10/setembro/2020

Tudo nesse lugar sufoca, reduz e limita. Te faz sentir como pura matéria facilmente conformável. Te invadem e insistem em te fazer acreditar em coisas que não são suas. Não te reconhecem pelo que você é ou pelo que deseja ser, mas pelo que você tem, pelo que parece, pelo que você tem, pelo

Tudo nesse lugar sufoca, reduz e limita. Te faz sentir como pura matéria facilmente conformável. Te invadem e insistem em tentar te convencer de crenças que não são suas. Não te reconhecem pelo que você é ou pelo que deseja ser, mas pelo que você na visão deles aparenta ser, pelo que tem ou não tem, pelas pessoas a quem você obrigatoriamente pertence e necessariamente carrega consigo. Só o nome não basta. Na verdade nem precisa ter nome, é coisa prescindível. Não preciso saber do seu nome se eu souber de quem você é. Literalmente isso. Fulano é de quem? É de tal pessoa. É pesado carregar a si e a família inteira. Ainda que naturalmente esse processo exista e seja natural, é diferente quando essa ancestralidade vira imposição autoritária e ganha tangibilidade na cidade. Não tem escape possível. E não sobra espaço pra você enquanto indivíduo. Soa como se o objetivo fosse tornar-te entretenimento para então te consumir, porque é você a pauta possível, e isso acontece não por questões morais, éticas ou sei lá o quê, mas por um motivo de pura banalidade, quase engraçado: simplesmente porque naquele dia não havia mais nada acontecendo — e há de se conversar sobre alguma coisa. Aos domingos você assiste à missa querendo ou não. Se você não vai a ela, ela vai até você, porque é transmitida num alto falante que alcança talvez a cidade inteira, ou pelo menos sua maior parte. E às vezes tem missa em dias de semana, também; eu nunca entendi qual era a lógica de frequência, que se altera durante o ano. Mas tem mil missas e mais outras mil novenas, e portanto inúmeros motivos para ligar o alto falante e tocar as ladainhas. Impotência é a palavra que resume minha existência aqui; não há domínio nem sobre o que se escuta. Quero existir num espaço que não sugue minhas energias exigindo de mim uma posição política a cada minuto. Não existe autoresolução que vá melhorar nossa relação.



natal e outras adversidades

Voltar ao interior, aos fins de ano, é sempre uma experiência curiosa e atualizável. Nos primeiros anos da faculdade eu costumava vir mais vezes. Em vez de aos fins do ano, vinha aos fins de cada semestre. Quando a carga horária do curso era bem mais intensa e os laços com essa cidade mais fortes, a sensação de pegar o caminho escuro da rodoviária de João Pessoa (porque sempre à noite e em ruas de comércios diurnos) era mesmo do início de um percurso de escapismo. Era como ter disponível uma rota de fuga para um ponto de paz antigo e seguro, distante do que naquele momento era tão novo e ainda pouco conhecido.

O que também se apresenta na fundação dessa agitação que mistura anseios e surpresas é que, morando em outra cidade devido à universidade, o deslocamento para a casa da família na época do natal é trivial entre mim e a maioria dos meus amigos. Então, passados os dez primeiros dias de dezembro, já é possível perceber as conversas começando a confluir na pauta desse trânsito. Passados vinte dias de dezembro, é dispensável dizer que há um modo de efervescência coletiva ativado e visível na cidade, até pelas suas luzes. Também no país e em boa parte do mundo. Mas é ainda mais legal viver essa atmosfera porque envolve um conjunto de trajetos diversos que, embora os façamos sozinhos, prevalece uma sensação de partilha, porque todo o processo que antecede e prepara a viagem em si, é comunitário.

Falando assim parece que há muito o que se preparar. E há. É uma urgência estranha que parece existir de que precisa-se organizar uma vida inteira antes de ir (ou talvez

seja antes de o ano acabar, e aí seria mais universal ainda!, o que agora percebo que talvez estrague meu ponto e que eu devesse parar por aqui, mas continuarei). Tentamos ir sem pendências, ou com o menos delas possível. E em algum momento desses dias intensos — que parecem sossegar somente no momento em que é possível sentar-se na cadeira do ônibus e ver as luzes se apagarem — não esquecemos de nos informar sobre os outros.

Quando você vai? Já comprou a passagem? Já fez a mala? Vai que horas? Não comprou? Compre logo ou não vai ter mais. Talvez dê pra gente ir junto até à rodoviária. Você já sabe quando volta? Vai vir pro ano novo, né? Vamos passar juntos! Não sei, talvez não dê, e você? Eu quero, mas também não sei, minha mãe reclama que eu nunca vou e quando vou não passo nem uma semana. Não sei se sustento mais de uma semana lá. Mas talvez seja legal. Vamos vendo, porque quando chega lá a gente sabe que dá preguiça de criar coragem pra voltar; tem que ter pulso.

É quase uma escadinha. Viajo às 21h00. Edinaldo às 21h30. Gabriela deve ir às 22h00. Raphael por volta das 22h30 ou em outro dia, porque demorou demais para decidir em que dia iria e esgotaram-se as passagens. João eu não sei, deve ir um ou dois dias depois da gente, ele tende a ir por último. Essa tendência é recente, porque no início da faculdade costumava ser o primeiro a nos deixar, antes mesmo de serem decretadas as férias; lembro de uma prancha dele entregue sem o norte no primeiro período (crime inafiançável na disciplina de desenho de arquitetura), tamanha a urgência de ir embora. Ao longo de aproximadamente três dias, vamos nos deixando, esvaziando nossa cidade e nos pulverizando em vários pontos desse estado e de outros, cada um no seu percurso; uns de cinco horas, alguns de oito e tem até de doze. As rotas de doze horas têm como destino o Ceará, são mais sofridas.

Em 2020, durante a parte inicial e talvez mais intensa da pandemia, fiquei aqui de março até dezembro. Foi um período confuso, angustiante, destemperado pelo medo e por uma convivência excessiva entre mim e minha família, que aflorou todos os ânimos e fez emergir questões até então meio esquecidas por nós, meio silenciadas pelas dinâmicas da vida, mas naquele momento obrigadas a serem percebidas, conversadas, trabalhadas.

A casa em que moram meus pais, estando onde está, e de onde escrevo agora, fazia muito mais sentido com a ideia de isolamento, de um ponto de vista sanitário e também espacial. Ela é maior do que o apartamento que na época eu morava em João Pessoa, o aspecto de ruralidade da cidade em que se situa é talvez sua característica urbana mais forte, e significa a disponibilidade de alguns espaços livres em que não se encontra quase ninguém, às vezes nem uma pessoa sequer. Me isolar aqui e em companhia da minha família, pareceu óbvio. Esse lugar de que falo se chama Santa Cruz, e se situa próximo ao extremo oeste da Paraíba. Dentro dos limites do estado, quase oposta a João Pessoa. É pequeninha, faz divisa com o Rio Grande do Norte.

Depois que voltei a João Pessoa no fim de 2020, só retornei à Santa Cruz novamente no natal de 2021, completando quase um ano desde a última estadia lá. O reencontro com o quarto, a casa e a cidade em que vivi tantas experiências de isolamento remexeu os conteúdos da memória que estavam decantados, parados em algum lugar. Se as memórias são aquilo que lembramos ter vivido em um lugar, certamente também contam um pouco daquilo que, por não ter sido vivido, viveu-se a falta que fez.

O conforto afetivo que eu sentia em vir pra cá nos períodos iniciais da faculdade, por significar um escape, foi sendo transmutado na sensação de estar em um esconderijo sufocante, muito pelas lembranças do isolamento

pandêmico, e um outro tanto pela falta daquilo que eu não vivia aqui mesmo nos anos não pandêmicos, pelos limites que impõem a cidade. Ainda e talvez principalmente porque eu tenha alcançado uma vivência mais ampla de João Pessoa para não mais carecer de uma rota de fuga para um lugar conhecido. João Pessoa se tornou o meu lugar conhecido; o lugar para o qual volto aliviada em voltar.

De toda forma, novamente, em 2022, vim apenas no natal, e sinto ser o suficiente. Os espaços de tempo são preenchidos pelas festividades e dão ao lugar um outro sentido, uma cara diferente das lembranças costuradas pelo silêncio de um estado de languidez quase permanente, quase imperturbável. É dessa forma que, ao fim do ano, as urgências em relação a esses fluxos e às movimentações também internas que nos causam passam a ser principal pauta entre mim e meus amigos. Os aproveito como fonte investigativa.

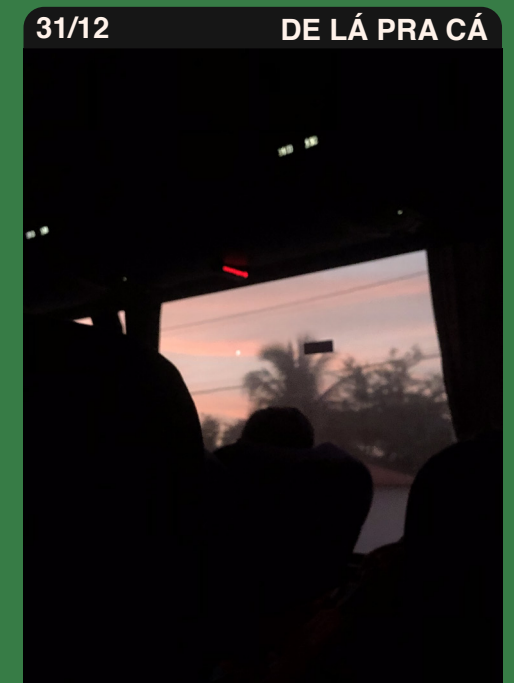
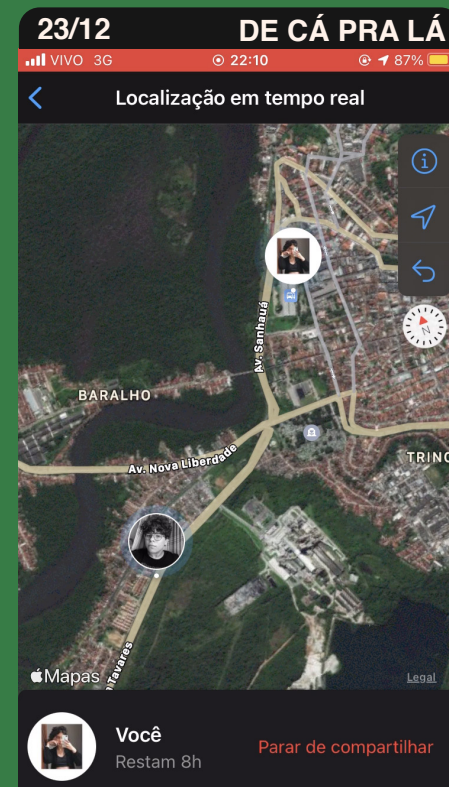
Um deles fez uma analogia com a ideia de que, de forma metafórica e imaginativa, existiriam duas versões dele, uma pertencente a João Pessoa, sua cidade atual, e outra à sua cidade natal, Fortaleza. Nessa construção alegórica, ele disse que a cada vez que chega em um desses lugares, é como se continuasse a viver do ponto em que parou naquela cidade específica. Vivendo em João Pessoa desde 2017, um exemplo seria justamente esse trânsito de dezembro: ao retornar à sua cidade natal, ele sente retomar uma versão de si que já não existe mais, mas existia na época em que lá morou, e que retorna a vivê-la quando volta a essa cidade, incorporando-a novamente.

Perguntei a um outro amigo sobre essa sensação anterior e ele disse sentir de forma menos brusca: como se percebesse, nesse retorno à casa e cidade em que morava com os pais, forças que tentam torná-lo a ser quem antes era, mas que conseguia resistir a elas — não sem algum desgaste mental, e por isso só lhe cabia ficar poucos dias, evitando um esgotamento consequente de sua insubordinação a essas tais

forças. Como se a sua subjetividade, materializada pelo corpo e por isso sempre ocupante de algum lugar, fosse profundamente afetada pelo espaço que ocupa, manifestando-se de maneiras diferentes em cada um deles e chegando ao limite de estar inclusive temporariamente suspensa para o recrudescimento do que seriam versões suas anteriores, da fase em que era adolescente e suas dinâmicas de vida eram outras.

Nesses relatos há um tom fabulado e por ora hiperbólico que dá sinais de uma afetação notória e causada na materialidade a partir dos espaços que vivenciamos e que são tão essencialmente constituídos pelas pessoas que o ocupam e geram dinâmicas vivas, assim como pela nossa memória, que levita coisas do passado, dando-lhe algum espaço de acomodação na vivência do presente. Se considerarmos o pensamento de que em viagens podemos construir ficções de nós mesmos através da experiência em espaços desconhecidos, podemos utilizar essa leitura para entender os deslocamentos migratórios que fazemos ao longo da vida como novos pontos de partida na nossa história: marcos de ruptura, inflexão, retomada ou atualização de quem somos, em constante movimento.

Os lugares onde nossa vida vai sendo corporificada são de variadas naturezas: o quarto em que adormecemos e acordamos, a casa e as formas de morar que empreendemos nela, inclusive às vezes nem adormecendo e acordando no quarto, mas talvez na sala, ou na varanda, ou em lugar algum porque não se dormiu; as pessoas com quem dividimos a rotina; a rua e os vizinhos; o bairro em que geralmente fazemos curtos trajetos; a cidade e as possibilidades ou impossibilidades que nela se abrigam. Essas dimensões não são separáveis ou singulares. Por mais que, pela ordem que estabeleci possam soar como se estivessem uma contida pela outra, a primeira abrigada pela seguinte e assim por diante, na concretude delas não há tanta linearidade. Não há, talvez, linearidade alguma. Entre elas e entre nós.





talvez eu
quisesse
brincar

O arquiteto não precisa desenhar. Ele pode escrever.

Essa frase poderia ter saído de alguém não muito afinado com o desenho. Uma pessoa arquiteta que talvez preferisse escrever a desenhar. Talvez até alguém que acreditasse “não saber” desenhar. Seria legítimo. Não foi, no entanto, por falta de afinidade com a ferramenta que ela foi dita. Esse questionamento do desenho enquanto condição indispensável para o fazer arquitetônico veio de Lina, está como epígrafe em uma de suas biografias.¹ Lina, dos croquis e ilustrações de atmosferas mágicas, que nos dão uma dimensão do potencial da fantasia presente em suas obras.

É que antes de desenhos, a arquitetura trata de espaços, e é provavelmente por essa via de sentido que a escrita pode se assegurar como uma possibilidade equivalente. Como o croqui, entendido como um desenho que ensaia ideias, a escrita também pode ser um recurso de experimentação a permitir uma atuação ensaística na arquitetura — de proposição, de investigação ou até de perambulação, como se queira.

Uma das leituras sobre a obra de Lina é a de que há por parte dela um princípio projetual de aposta no porvir da utilização do edifício como substância primária de sua arquitetura.² Se desobrigando de uma definição rígida dos usos espaciais, lança mão de elementos lúdicos que nutrem a imaginação e estimulam a criatividade, deixando um tanto em aberto as possibilidades de apropriação

— ainda “imprevisíveis” no ato do projeto — pelos usuários. Essa experiência, que é espacial, é reconhecida como sendo muito próxima do que é a experiência da narração:

Narrar tem um sentido de criar memórias. Por outro viés, é possível entender a busca do gênero narrativo com o intuito de se contrapor à realidade factual, ou seja, uma suposta verdade. Podemos ver isso como uma espécie de confronto com o que é imposto, por meio da busca de uma vivência paralela. O que o senso comum tem como verdade absoluta pode ser posto em dúvida. Lina Bo Bardi parece buscar estratégias nas quais narrativas de caráter livremente ficcional se tornam verossímeis. É a tentativa de transformar a ficção em realidade que torna fantasiosas as interioridades dos edifícios que projeta.³

Escrever, ou narrar, parece ser uma busca sempre sem garantias que se realiza na prática tentativa de ordenar acontecimentos, precisar sensações, transmitir percepções, recriar circunstâncias e explorar sutilezas. No limite, talvez se funde no ensino de um encontro com o outro através da verdade presente nos sentidos construídos. Verdade feita de fragmentos, narrada por alguém e atravessada de impurezas; verdade ficcionalizada, portanto.

Assim que escrevo *verdade ficcionalizada*, penso em como vou me defender. De quem? Não sei precisamente apontar. Não é um indivíduo nem certamente um grupo nomeável de pessoas. O que sei é que existe um tipo de verdade, a mais dominante, a dita oficial, que pode se ofender se souber que disseram isso dela. Preciso explicar direitinho, a depender de qual seja a patrulha em atividade, talvez qualquer defesa seja insuficiente. Então é melhor que eu comece logo a apresentar os argumentos.

Pondero fazer isso iniciando por um caminho que acredito que possa encaminhar o reposicionamento da ficção no nosso imaginário. Digo nosso porque há alguns

momentos que também preciso me defender de mim, algumas vezes questionam o lugar da verdade no que estou fazendo; elas argumentam em nome do conhecimento, de algum comitê da exatidão e imparcialidade. A elas eu respondo que seria importante lembrar que, primeiro, não há neutralidade no ato de narrar. Ele é exercido de um lugar de subjetividade que assegura a inevitabilidade da fabulação, sendo uma forma de elaboração das próprias vivências e de produção e manutenção das memórias. Pode ser entendido como uma forma subversiva de gerar narrativas outras; um jeito de produzir confrontações à história reproduzida como universal e respaldada pelo que se acredita como “verdade”, até porque, ainda que ela [a verdade] não assuma, ela própria não está blindada de algum trabalho fictício, já que a ficção seria uma qualidade inerente a toda narrativa, inclusive as ditas oficiais.⁴

Sobre o reposicionamento da ficção, a questão fundamental nessa revisão é a ideia de que ela não se encontraria do lado oposto ao da verdade. Assim como a ausência de ficção não significaria a presença de verdade. Esse trecho dirá melhor o que quero dizer:

Uma proposição, por não ser fictícia, não é automaticamente verdadeira. Podemos portanto afirmar que a verdade não é necessariamente o contrário da ficção, e que, quando optamos pela prática da ficção não o fazemos com o propósito turvo de tergiversar a verdade. Em relação à dependência hierárquica entre verdade e ficção, segundo a qual a primeira possuiria uma possibilidade maior que a segunda, é, desde já, no plano que nos interessa, uma mera fantasia moral. [...] Ao dar um salto em direção ao inverificável, a ficção multiplica ao infinito as possibilidades de tratamento. Não vira as costas a uma suposta realidade objetiva: muito pelo contrário, submerge em sua turbulência e desdenha da atitude ingênua que consiste em fingir saber de antemão como essa

realidade está posta. Não é um erro diante dessa ou daquela ética da verdade, mas a busca por uma verdade menos rudimentar.⁵

Nessa perspectiva, as dimensões verdade e ficção estariam situadas não em lugares fixos, mas num processo em movimento: há o encontro, o cruzamento, o entranhamento, e então o desprendimento em virtude da necessidade de liberdade da ficção; que estaria mais para um aprofundamento da verdade, na medida em que se utiliza de fragmentos dela e se potencializa pelas possibilidades — de questionar, de imaginar, de recriar — ao soltar-se de seus limites: os das coisas verificáveis e estritamente ocorridas.

Não deixo de lembrar da frase com que Elena Ferrante, escritora italiana, definiu o ofício da escritura de romances, de *orquestrar mentiras que dizem sempre, rigorosamente, a verdade*.⁶ É justamente através da ficção que ela sente ser possível aproximar-se essencialmente da verdade presente na própria realidade e, mais livremente, utilizá-la para construir sua obra, podendo assim narrar verdades perspicazes, ainda que ficcionalizadas.

Tendo dito do potencial da construção de narrativas, acho que dá para partir à relação de tais frentes com a arquitetura; matéria essa que demanda a experiência sensorial do espaço para que sua singularidade seja contemplada, mas não por isso desestima a construção de seus sentidos por meio da linguagem erigida através das representações.

Há certas coisas que não podem ser compreendidas diretamente. Elas requerem analogias, metáforas ou caminhos alternativos para ser apreendidas. Por exemplo, é pela linguagem que a psicanálise desvenda o inconsciente. Como uma máscara, a linguagem dá indícios de algo mais que está por trás dela mesma. Ela pode tentar escondê-lo, mas ao mesmo tempo também o sugere. A arquitetura se assemelha a uma

figura mascarada. Ela não se dá a conhecer facilmente. Está sempre escondendo: por trás de desenhos, por trás de palavras, por trás de preceitos, por trás de hábitos, de restrições técnicas. Contudo, é a própria dificuldade de desvelar a arquitetura que a torna intensamente desejável. Esse desvelamento faz parte do prazer da arquitetura.⁷

A construção de vias de entendimento alternativas diminui a distância entre a complexidade real da coisa e sua compreensão. Se bem feita, decerto não reduz a questão e, em vez disso, cria outras perspectivas para o olhar, tornando mais digeríveis e apropriáveis seus significados. Os desenhos e as palavras integram representações arquitetônicas; elas podem ser compreendidas, então, como formas de analogias possíveis ao espaço. Como toda analogia, oferecem uma perspectiva outra que pode aproximar o interlocutor do objeto em questão, sustentando o risco também de confundir. Se o que dá vida à arquitetura é a apropriação dela pelos corpos que a usam, um paralelo com a escrita seria pensar na sua existência e atualização a partir dos novos sentidos criados na leitura pelo outro.

Como a escrita pode, então, ser uma ferramenta para pensar arquitetura? Certamente não pelo caminho de uma prática que se balize pelas agendas da disciplina, da objetividade e da pureza, num processo de quase assepsia, se considerarmos que dificilmente o pensamento ocorre a partir de estrita ordem e linearidade, mas nas voltas, nas idas e vindas, nas dúvidas. Talvez, assumindo a parcialidade da ferramenta e dos saberes que ao serem narrados articulam corpo, espaço, subjetividade, memória, linguagem, pondo em movimento recursos quase artesanais, da fabulação e da inventividade, e que não são absolutos.

Retorno à Lina: *Até que o homem não entre no edifício, não suba os degraus, não possua o espaço numa “aventura humana” que se desenvolve no tempo, a arquitetura não existe, é frio esquema não humanizado.*⁸ Um relacionamento com a escrita que se pautou pelo mandamento (de uma pretensa verdade) e da obediência (de quem escreve) é um acordo carimbado pelo enfado, e o pensar arquitetônico ou pensar arquitetura deve precisar de mais espaço do que aquele que resta a quem só pode acatar. Escrever, ou brincar com as palavras, talvez não caiba num *frio esquema não humanizado*. E talvez eu quisesse brincar.

— *Será que isso não é ficcionalizar demais? Será que aí não é muito crime?*

— *Mas o que é ficcionalizar demais? O que é a carta ao Rodolfo senão uma ficção?*

— ...

— *Você já é uma criminosa.*



NOTAS

1 PERROTTA-BOSCH, Francesco. **Lina:** uma biografia. Todavia, 2021.

2 _____. A arquitetura dos intervalos. In: **Revista Serrote**, 2013.
Disponível em: <<https://encr.pw/fpbosch>>. Acesso em 16 nov. 2022.

3 *Ibidem*.

4 FONTENELE, Camila Matos. **Narrar a cidade:** fabulação do espaço e espaços de fabulação na pesquisa sócio-espacial. Tese de Doutorado. Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.

5 SAER, *El concepto de ficción* (2014: 10) apud FONTENELE, Camila Matos. *Op. cit.*

6 FERRANTE, Elena. **Frantumaglia**. Tradução de Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

7 TSCHUMI, Bernard. O Prazer na Arquitetura. In: NESBIT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura:** antologia teórica (1965 – 1995). São Paulo, Cosac Naify, 2006.

8 BO BARDI, Lina. apud PERROTTA-BOSCH, Francesco. A “desformalização” da arquitetura de Lina Bo Bardi. A “desformalização” do MASP. *Arquitextos*, São Paulo, ano 14, n. 165.00, **Vitruvius**, fev. 2014.

alguns créditos

O que encontrou conforto em ver um outro de mala, Raphael.
E o que diz o ufa quando chega em casa é também ele.
A que pensa o cotidiano como repetição, Dayane.
Os que enxergaram e utilizaram o banco mágico, Yan e Dayane.
A professora que colaborou com o furto temporário, Isabel.
Quem foi embora primeiro, meu pai, Manoel
Quem foi embora e voltou, minha mãe, Jasse.
Quem apenas chegou, e todas as vozes em vermelho, eu, Camila.
O que se sente uma pessoa em Fortaleza
e outra em João Pessoa, Edinardo.
O que, quando lá, resiste às forças que
tentam torná-lo quem era antes, Anderson.

Eis também uma singular definição de amizade: uma experiência mundana compartilhada, uma preocupação comum com o mundo que torna impossível escrever sozinho sobre algo relacionado a essa experiência mundana. “Para os amigos, o mundo se torna objeto de preocupação, algo para se pensar, algo que provoca a experimentação e a escrita.” Há escrita fora da cumplicidade de um mundo compartilhado? É a amizade uma condição da escrita (mundana)?

Walter Omar Kohan,
em *Sobre a escrita acadêmica, a política e a amizade*

que objeto favoreceria a escrita?

relato
percurso

fabulação

ficção

tempos
urbanos

que questões em gestação de letras odiante?
nos relatos tem a substância?

o que gera conversa?

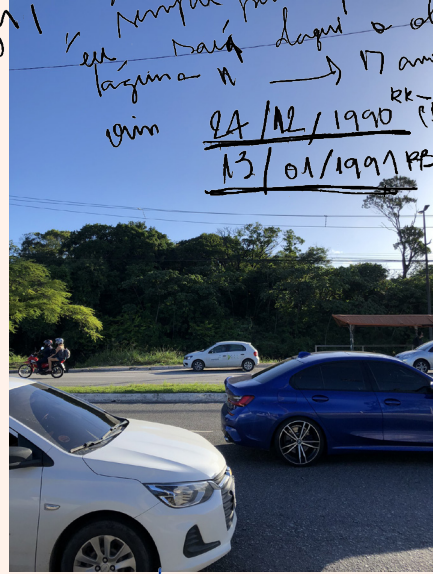
o que gera vivência?

que lugares cruzavam vivência e
ficção? territórios inventados

memória
um bairro? um tipo de deslocamento?

percurso fictício na cidade.
pela escrita, largas possibilidades.
encontrar caminhos investigativos
vivido — falado — ouvido — escrito

uma Silva Jardim
"a" pensa em "vulgarismo"
"sempre pensa no nome da gente"
eu, daí, daqui o olho mudando em
pagina " → 17 anos
viii 24/12/1990 RB
13/01/1991 PB-SP
l. a



COMPO D'ÁGUA

FLUENTE

PLUÊNCIA

COMO APRENDI A LÍNGUA NOS
TEXTOS? COMO OS ATRASO

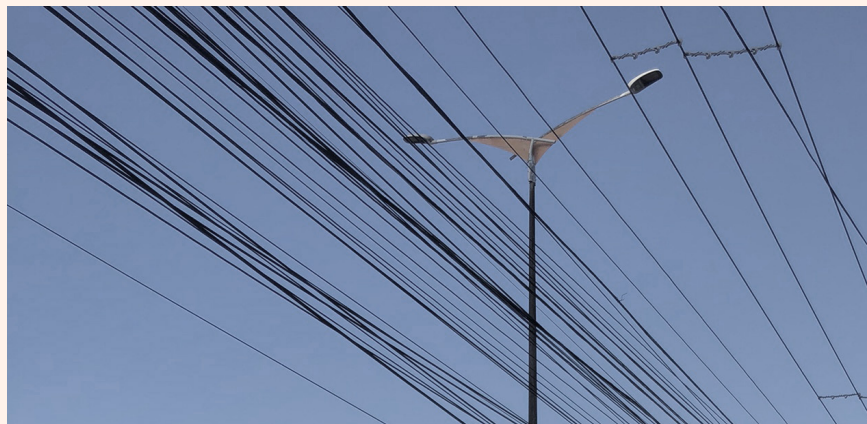
E OS SINTOS PULSAR DELETO
E MIM.



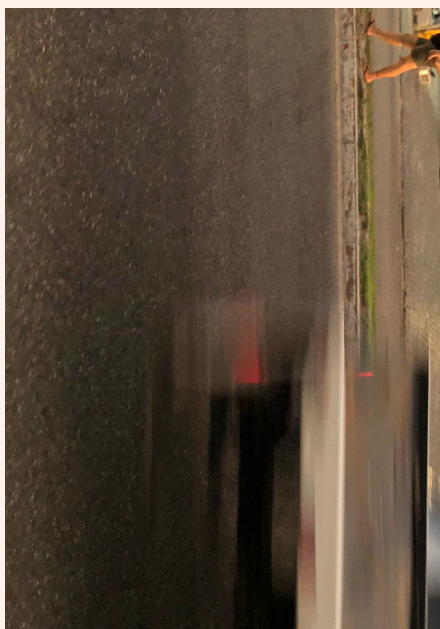
é inesgotável
detalhos, construção
sabes avelhos
compon proa de pinguete
recorte a direita
e tão fustos
erres fustos, a pr



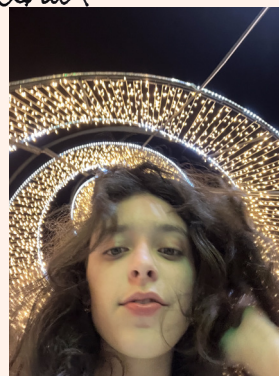
escrever algo sobre o ritmo



abrir o trabalho para trabalhar
em cima dele



~~RITMO~~ — exercício de aquecimento
pessoa escrita → trápido
não deixar passar do ponto. como era
como se mantinha em movimento / dps



concretude de



oportunidades
vivencia

28/11



cidade

não me deixar desanimar

agradeço

À professora Carolina Oukawa, sem quem este trabalho não seria possível. Ela me ensinou muitas coisas e, dentre tantas, digo aquela que pode resumir: dá pra ser consistente e feliz. Agradeço pela orientação atenta e cuidadosa, por ensaiar as perguntas certas — as que trazem movimento — e por usar tão bem o seu grande superpoder de enxergar potencial.

Àqueles professores que foram cruciais na minha formação, por quem também não passei ilesa (no melhor sentido): Eliezer Rolim (*in memoriam*), que abriu a experiência dessa graduação de maneira não menos do que fantástica para mim. Rafael Padua, meu orientador da iniciação científica, por ter deslocado a ideia da pesquisa do patamar da pureza, distante do sujeito, trazendo-a para perto, o único lugar possível. Isabel Medero, por sua presença forte, criativa e divertida, que tanto acolheu quanto encorajou esse trabalho. Wylanna Vidal, pela generosidade e capricho sem igual com que dispõe o seu universo de saberes. Lucy Donegan, pela habilidade em descomplicar o desenho. Carlos Nome, pelas discussões instigantes e fundamentais sobre projeto e processo. Aos professores que aceitaram compor a banca, pelas importantes contribuições, Pedro Britto, Alessandra Soares e, novamente, Isabel Medero.

Aos amigos incríveis que tenho a sorte de ter. Devo muito a muita gente, e a eles mais ainda. Como os perturbei!

Agradeço imensamente a Gilmar Filho, pelo olhar sensível que norteou o projeto gráfico desse trabalho, e pelas injeções de ânimo. A Raphael Abreu, cuja generosidade é maior do que eu posso compreender, por sempre aceitar perambular comigo sem perguntar o destino. À Gabriela de Moraes, por nunca economizar em amor, suporte e incentivo, tão imensos quanto ela. A João Victor Nunes, por ser minha dupla inevitável nesse curso, e pelas trocas e encorajamentos infinitos. Coletivamente, às monstrixas, com quem vivi os melhores e os piores momentos da graduação. À Dayane Melo, pela riqueza inesgotável das nossas desorientações, e pelo acolhimento das tantas crises por que passamos eu e este filho. A Yan Fábio, por ser a presença-ânimo-e-fome-de-vida para mim. A Edinardo, por trazer leveza com suas visões de mundo. A Maurício Vieira, Larissa Goes, Anderson Candeia, Elaine Rodrigues, João Luiz e Sophia Costa, por todo apoio. À Nicolle Kelma, por ser minha amiga genial.

À minha família, que me apoia de uma maneira indescritível. Agradeço à Thalita, minha irmã, por ter me enxergado arquiteta desde a primeira maquete feia que fiz nesse curso, e por ser o apoio do qual eu não poderia prescindir. À minha mãe, Jasse, quem primeiro me construiu um mundo de fantasias (e ainda hoje o atualiza), pelas incontáveis, longas e essenciais conversas no percurso desse trabalho. Ao meu pai, Manoel, por me inspirar com sua sensibilidade e amor às sutilezas, mas sobretudo por ter me ensinado que há coisas que são inegociáveis; delas não abro mão. Às minhas tias, Jane e Cleide, e à minha avó Marli, pelo apoio e amor sempre presente e incondicional. À Adriana, pela escuta perspicaz. À Elena Ferrante, pelos livros que me animam a vontade de escrita. A quem faz a Universidade Federal da Paraíba, pela experiência proporcionada, de fato transformadora. E à Camila de oito anos de idade, pela teimosia.

referências

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da Imagem**: vigilância e resistência na dadosfera. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

DURAS, Marguerite. **Escrever**. Trad. Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ESTRANGEIRO. In: **Oxford Languages**. Disponível em: <<https://acesse.one/estrangeiro>>. Acesso em: 07/03/2023.

FERRANTE, Elena. **Frantumaglia**. Tradução de Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

FISHER, Mark. **Realismo Capitalista**: é Mais Fácil Imaginar o fim do Mundo do que o fim do Capitalismo?. 1. ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FONTENELE, Camila Matos. **Narrar a cidade**: fabulação do espaço e espaços de fabulação na pesquisa sócio-espacial. Tese de Doutorado. Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.

KOHAN, Walter Ohmar. Sobre a escrita acadêmica, a política e a amizade... In: CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice. **Uma escrita acadêmica outra**: Ensaios, experiências e invenções. Rio de Janeiro, Lamparina Editora, 2016.

LARROSA, Jorge Bondia. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, pp. 20-28, 2002.

NAHMAN, Haley. *TikTok and the Elusive Promise of Reality. Maybe Baby*. 06 nov. 2022. Disponível em <<https://l1nq.com/tiktokelusivepromise>>. Acesso em: 23 mai. 2023.

O que o Milton Santos diria do iFood? Podcast Prato Cheio. **O Joio e o Trigo**. 26 jun. 2021. Disponível em <<https://encr.pw/miltonsantosifood>>. Acesso em: 14 mai. 2023.

PERROTTA-BOSCH, Francesco. **Lina**: uma biografia. Todavia, 2021.

_____. A “desformalização” da arquitetura de Lina Bo Bardi. A “desformalização” do MASP. *Arquitextos*, São Paulo, ano 14, n. 165.00, **Vitruvius**, fev. 2014.

_____. A arquitetura dos intervalos. In: **Revista Serrote**, 2013. Disponível em: <<https://encr.pw/fpbosch>>. Acesso em 16 nov. 2022.

SANTANA, José Rodolfo da Silva. **Um ciclista à deriva**: experiências erráticas e narrativas sensíveis em João Pessoa. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba, 2020.

TSCHUMI, Bernard. O Prazer na Arquitetura. In: NESBIT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica (1965 – 1995). São Paulo, Cosac Naify, 2006.

fragmentos da cidade

cidade de fragmentos

cidade fragmentária

cidade narrativa

arquitetura de fragmentos

fabulações da cidade

fragmentos vividos da cidade

fragmentos narrados da cidade

cidade narrada

cidade narrada sob fragmentos

fragmentos ~~extra~~ordinários da cidade

FRAGMENTOS ~~EXTRA~~ORDINÁRIOS DA CIDADE

abstract
[or book flap]

How can writing be a tool to think about architecture? *Extraordinary fragments of the city* is a work that rehearses a form of writing motivated by different incursions of everyday affectations: living, moving around the city, the barriers and dilutions between home and street, motions made throughout life and their multigenerational perspectives. Although without intending to exhaust them, these are some of the explored themes. From a combination of individual experiences and those of family and friends, the generated content goes through affective relationships. In its experimental dimension, the assumption of the process as a constitutive and fundamental part accompanies the texts.

